

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica

Crueldade: domínio, indiferença e alteridade

Pedro Henrique de Oliveira Efken

2014



UFRJ

Crueldade: domínio, indiferença e alteridade

Pedro Henrique de Oliveira Efken

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Rio de Janeiro

Março/2014

Crueldade: domínio, indiferença e alteridade

Pedro Henrique de Oliveira Efken

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Profa. Dra. Marta Rezende Cardoso

Profa. Dra. Isabel Fortes

Profa. Dra. Claudia Amorim Garcia

Rio de Janeiro

Março/2014

Efken, Pedro Henrique de Oliveira

Crueldade: domínio, indiferença e alteridade.

Efken, Pedro Henrique de Oliveira. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2014

81 f.; 29,7 cm

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 78-81.

1. Crueldade. 2. Trauma. 3. Indiferença. 4. Psicanálise. 5. Dissertação (Mestrado). I. Cardoso, Marta Rezende. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título

Dedicatória

À Lenuska

Agradecimentos

A Marta Rezende Cardoso pelo acolhimento e vigorosa orientação;

A Tereza Batista por ter me mostrado a beleza da psicanálise;

Aos amigos Pedro de Moura Rocha Baltar, Raynaia Uchoa e Mateus de Souto Maior, por terem estado sempre tão perto;

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa;

Ao programa de Mestrado em Teoria Psicanalítica da UFRJ por ter acolhido a minha pesquisa;

Aos colegas de equipe e demais que acompanharam essa jornada;

Ao Pedro Henrique Bernardes Rondon, pela primorosa revisão;

Ao Karl Heinz Efken, sobretudo, sem o qual este trabalho não teria sido possível.

Resumo

Crueldade: domínio, indiferença e alteridade

Pedro Henrique de Oliveira Efken

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

O objetivo desta pesquisa é explorar a singularidade do fenômeno da crueldade a partir de um referencial psicanalítico, por meio da investigação dos aspectos metapsicológicos e psicopatológicos envolvidos nessa modalidade de ato. Trata-se de apreender o que estaria na base dos atos de crueldade, considerando-se a base traumática neles subjacente. Busca-se mostrar que a indiferença é a marca distintiva nessa resposta defensiva extrema diante da ação de uma destrutividade interna.

Investiga-se a dimensão de domínio na obra de Freud, tendo em vista a estreita relação que possui com a problemática da crueldade. A questão do domínio diz respeito a modos de funcionamento psíquico específicos, relativos às lógicas das diversas formas de organização da libido. Mostra-se igualmente que a lógica que fundamenta o sadismo não pode ser identificada à da indiferença extrema que move os atos de crueldade. Nas relações guiadas por uma lógica perversa é a dominação do objeto, sob o signo da compulsão à repetição, que está em primeiro plano.

No exercício da crueldade, é a necessidade de reduzir o objeto a nada que se impõe como determinação prioritária, a existência do outro representando intensa ameaça para o ego do sujeito, que utiliza defesas extremas para mantê-lo o mais longe possível. O agir cruel implica a negação da existência do objeto como recurso para a afirmação de si, de caráter extremamente precário. O apelo à crueldade se ancora em violência interna de caráter singular, própria ao primeiro contato do sujeito com a alteridade, encontro inicial marcado pela indiferença do outro.

Palavras-chaves: Crueldade – Trauma – Indiferença – Psicanálise – Dissertação
(Mestrado).

Rio de Janeiro
Março/2014

Abstract

Cruelty: domination, indifference and otherness

Pedro Henrique de Oliveira Efken

Tutor: Marta Rezende Cardoso

Abstract of the Dissertation presented to the Post-graduation Programme of Psychoanalytic Theory, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, as a part of the requisite for obtaining the Master's Degree in Psychoanalytic Theory.

The objective of this research is to explore the uniqueness of the phenomenon of cruelty from a psychoanalytic standpoint, through investigating the metapsychological and psychopathological aspects involved in this type of act. We try to grasp what was in the basis of acts of cruelty, considering the traumatic basis underlying them. We seek to show that indifference is the distinctive mark this extreme defensive response before the action of an internal destructiveness.

We investigate the domination dimension in the work of Freud, in view of the close relationship it has with the issue of cruelty. The issue of domination concerns specific ways of psychic functioning related to the logic of the various forms of libido organization. We show also that the logic underlying sadism cannot be identified to the extreme indifference moving acts of cruelty. In relations guided by a perverse logic the domination of the object, under the sign of the repetition compulsion, is in the foreground.

In the exercise of cruelty, the need to reduce the object to nothing is imposed as a priority determination, as the other's existence represent a severe threat to the ego of the subject, which uses extreme defenses to keep it as far as possible. The cruel acting implies a denial of the existence of the object, as a resource for an extremely precarious self-affirmation. The appeal to cruelty is grounded on singular inner violence, proper of the very first contact of the subject with otherness – an initial encounter marked by the indifference of the other.

Keywords: Cruelty – Trauma – Indifference – Psychoanalysis – Dissertation
(Masters grade).

Rio de Janeiro

Março/2014

Sumário

Introdução	9
Capítulo I – Domínio e crueldade	13
I.1 – Da pulsão de dominação ao domínio	13
I.2 – O domínio na obra de Freud	16
I.2.1 – O domínio e a crueldade entre o sadismo e o masoquismo	16
I.2.2 – Um aparelho de dominação (<i>Bemächtigungsapparat</i>)	17
I.2.3 – Domínio e autoerotismo	19
I.2.4 – As pulsões parciais de dominação e de crueldade	20
I.2.5 – As organizações pré-genitais	22
I.3 – A crueldade entre o domínio e a indiferença	24
I.3.1 – Do domínio “puramente narcísico” à dominação do objeto externo	24
I.3.2 – O domínio e a crueldade no segundo dualismo pulsional	27
I.4 – Fixação ao trauma como fundamento à atualização da crueldade	30
Capítulo II – Narcisismo: Indiferença e trauma	34
II.1 – Narcisismo: ego-prazer e indiferença	34
II.2 – A indiferença sob o signo do traumático	38
II.3 – Função objetualizante/desobjetualizante	40
II.4 – Indiferença extrema e desobjetualização	44
II.5 – Indiferença extrema e crueldade	45
Capítulo III – Crueldade e alteridade: a marca da indiferença extrema	51
III.1 – A dominação perversa	51
III.1.1 – A idealização/fascinação do objeto na perversão	54
III.2 – A singularidade da crueldade: a marca da indiferença	57
III.3 – A aniquilação do objeto: a crueldade no registro do atual	59
III.3.1 – A indiferença materna como figura emblemática da crueldade	61
III.4 – O caso Kevin	63
III.4.1 – A pré-história de Kevin	63
III.4.2 – A gravidez	64
III.4.3 – O nascimento e desenvolvimento de Kevin	65
III.4.4 – A crueldade de Eva atualizada em Kevin	69
Considerações finais	72
Referências	78

Introdução

Nosso interesse pelo tema de nossa pesquisa de Mestrado foi despertado pela estranheza e complexidade que recobre o fenômeno da crueldade humana. Se, por um lado, o signo crueldade é comumente utilizado em referência a atos marcados por violência extrema, por outro, tende, muitas vezes, a ser referido a uma dimensão “estrangeira”.

Nesse sentido, o entendimento de Montaigne (1595/2000) da crueldade como o pior dos vícios, como reflexo de uma inumanidade que evidenciaria a queda à bestialidade, permanece, em certa medida, atual. Esta concepção tem ressonância com a de desumanidade, concepção prevalente ao longo da maior parte da história do pensamento ocidental.

Contudo, como bem afirma Birman (2009a), a partir da modernidade tem início um percurso de posituação da crueldade no pensamento ocidental, percurso que atinge seu ápice no pensamento de Nietzsche, especialmente no que este propõe em sua *Genealogia da Moral* (1887/1998) – uma verdadeira genealogia da crueldade. Nesta obra, a crueldade é considerada como substrato da natureza humana, identificada a uma expressão da vontade de potência. Esta, em sua perspectiva de ampliar o domínio da vida, teria na crueldade um de seus pressupostos fundamentais.

Foi a partir do pensamento nietzschiano que, em nosso curso de graduação em Filosofia, encontramos uma primeira via de acesso à tematização da crueldade. Para o pensador, o que aparece hoje como vício era virtude para a humanidade das origens, onde a crueldade era reconhecida como elemento próprio ao regozijo da vida. Esta se afirmaria através do exercício do poder, sendo este o seu caráter essencial, uma vez que “a vida atua ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter” (NIETZSCHE, 1887/1998, p. 65).

A crítica nietzschiana ao niilismo europeu moderno aponta justamente para um homem que nega a sua vitalidade, a negação da crueldade equivalendo, portanto, à negação da vida. Este seria o sintoma de uma moralização doentia em virtude da qual o homem aprende, afinal, a se envergonhar de seus instintos e, portanto, a negar a si mesmo.

É nesta “positividade” da crueldade – uma negação do outro para afirmação de si – que repousa o prazer festivo que ela proporcionava à humanidade antiga. Nietzsche

nos lembra que a crueldade era ingrediente indispensável à vida cotidiana, e que não faz muito tempo que os suplícios e execuções tinham lugar de destaque no cenário social (NIETZSCHE, 1887/1998, p. 23).

Esclarecendo essa perspectiva, Foucault vem afirmar que a crueldade insensível dos suplícios tinha a função de tornar sensível a todos, através do castigo, a presença encolerizada do soberano, sendo, portanto, uma afirmação reativa do poder (FOUCAULT, 1975/1999, p. 67). Para Nietzsche o criminoso seria um “infrator”, alguém que quebra a palavra e o contrato com o todo e, neste caso, a crueldade dos castigos seria a efetivação da ira da comunidade que afasta de si o infrator, marcando, através dos suplícios, a sua condição de estrangeiro (NIETZSCHE, 1887/1998, p. 25).

Entretanto, com o advento das Luzes, os suplícios vão perdendo o seu espaço e, da segunda metade do século XVIII à primeira metade do século XIX, as execuções públicas vão sendo paulatinamente eliminadas do cenário social. Os atos condenatórios deixam de ser um espetáculo para se tornarem um “estranho segredo” entre a justiça e o condenado, as execuções penais passando a fazer parte de um setor autônomo, regido por uma burocracia administrativa cujo fim é converter a execução em abstração da lei (FOUCAULT, 1975/1999).

Neste contexto, a psiquiatria nascente procura se legitimar como instância decisiva na economia e na política da punição. O discurso científico passa a ocupar lugar central na determinação do normal e do patológico, sendo a crueldade vista por esse viés. Sob a égide das ideias iluministas, a concepção moderna de homem torna os suplícios intoleráveis, uma vez que são estranhos ao ideário iluminista. Sob essas condições, a punição passa a ser objeto de uma racionalidade científica que pensa os castigos como terapêutica (BIRMAN, 2009b).

A crítica nietzschiana se insere nesse contexto, como um diagnóstico de um mal-estar do homem moderno que repousaria em uma moralização doentia que o teria feito renunciar ao que seria condição da afirmação de si mesmo, de sua vitalidade. Desse modo, fomos levados a considerar que a positivação da crueldade no pensamento ocidental, que tem Nietzsche como seu maior estandarte, aparece como “retorno do recalçado”, pois é justamente quando ela sai de cena que o seu aspecto positivo começa a ser tematizado. Se antes o caráter negativo da crueldade, de desumanidade, signo do estrangeiro, tinha função assegurada nos suplícios, os quais imputavam ao criminoso o lugar do estrangeiro, na modernidade é a crueldade, ela mesma, que ocupa este lugar.

A crueldade passa, então, a ser objeto de um discurso cientificista o qual, de acordo com Derrida (2001, p. 9), não teria outro fim senão reduzi-la, excluí-la, privá-la de sentido e, se há um discurso que poderia reivindicar a causa da crueldade como assunto próprio, este seria o da Psicanálise, a sua epistemologia peculiar autorizando-a a tratar da questão como pertencendo a seu campo de saber. De fato, Freud seguirá o percurso de positivação da crueldade encabeçado por Nietzsche. Em nossa incursão nas ressonâncias da perspectiva nietzschiana no pensamento de Freud tornou-se cada vez mais clara a pertinência das ferramentas teóricas da Psicanálise para uma pesquisa sobre o tema, já que desejávamos aprofundá-lo.

A perspectiva nietzschiana de um caráter positivo da crueldade, relativo a uma afirmação de si pela negação do outro, nos levou ao empreendimento de nossa pesquisa, onde os referenciais teóricos da Psicanálise suscitaram a seguinte questão, de caráter mais central em nossa reflexão: seria a crueldade um elemento constitutivo do psíquico? Tomando esta questão e levando em conta a violência extrema associada à crueldade, temos o objetivo, portanto, de enfrentá-la juntamente a outras que dela se desdobram, à luz da teoria psicanalítica. Para tentar realizá-lo, organizaremos a nossa pesquisa em três capítulos.

No primeiro, faremos uma investigação acerca da dimensão do domínio na obra de Freud com a finalidade de situar e elaborar a questão de sua relação com a crueldade. Esta investigação tem caráter preparatório em nossa pesquisa e será centrada, essencialmente, na teorização freudiana. Uma vez que o tema da crueldade foi pouco trabalhado por Freud, trata-se de estabelecer uma base teórica visando ao aprofundamento de nossas ideias sobre a questão da crueldade, o que será feito nos capítulos seguintes.

Nessa primeira aproximação da questão em Freud, seguiremos o percurso dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2006), obra em que o domínio e a crueldade foram originalmente concebidos e relacionados. Veremos como o domínio se articula com modos específicos de funcionamento psíquico os quais, por sua vez, dizem respeito aos estágios de organização da libido, tendo em vista suas respectivas lógicas.

Procuraremos mostrar que a crueldade encontra seu fundamento primeiro em um modo de funcionamento permeado por uma lógica da indiferença, o que já nos permite apontar, como primeiro indício, que o fenômeno da crueldade deve ser diferenciado do

sadismo, relacionando-se com ele apenas de maneira secundária. Realizado este passo, abordaremos a noção de “fixação ao trauma” e seu papel na problemática da crueldade.

O segundo capítulo será centrado no aprofundamento teórico da questão da indiferença, elemento da maior importância na elaboração de nossa hipótese central. Para realizarmos os objetivos desse capítulo, nos apoiaremos, sobretudo, na noção de “trabalho do negativo” desenvolvida por André Green. Nela encontramos subsídios teóricos frutíferos, e que tornarão possível destacar o caráter constitutivo da indiferença e, especialmente, suas implicações no campo do traumático, considerando o seu vínculo com a crueldade.

No terceiro capítulo, trataremos da lógica perversa com o intuito de demarcar que os fundamentos do sadismo são diferentes dos da crueldade, em especial, no que tange ao lugar da alteridade interna no âmbito da relação com o objeto. A lógica perversa seria distinta da lógica da crueldade, posto que esta seria marcada – em sua base e no caráter que comportam os atos de crueldade no que concerne ao outro – pela presença de indiferença extrema. Esta dimensão, diretamente articulada à de alteridade, ocupa lugar absolutamente essencial em nossas elaborações.

Capítulo I

Domínio e crueldade

Tomando como referência inicial a relação entre domínio e crueldade estabelecida por Freud nos “Três ensaios”, onde este nos diz que a crueldade surge como produto da pulsão de dominação (FREUD, 1905/2006, p. 181), nosso objetivo maior no presente capítulo é realizar uma investigação acerca das articulações da crueldade com o domínio.

Faremos uma investigação acerca da dimensão do domínio nas obras de Freud onde tentaremos situar a crueldade sob a perspectiva do domínio, perspectiva cujo alcance é ampliado em acordo com o desenvolvimento teórico desse autor. De fato, veremos que a questão do domínio aparece em vários momentos como fundamental no aparelho psíquico freudiano: ela é primeiramente enunciada como característica essencial do sadismo e como qualidade de uma pulsão parcial de dominação, mas vai ganhando uma generalidade que lhe empresta um caráter nocional.

Dessa maneira, uma investigação do domínio na obra de Freud deve ser realizada para que possamos compreender sob que configuração o domínio se manifesta como crueldade. Começaremos nossa investigação com uma apreciação da generalidade da dimensão do domínio e do seu uso terminológico por Freud, haja vista que, em acordo com o que nos ensina Cardoso (2002a), no contexto metapsicológico os termos utilizados em referência ao domínio fazem com que esta dimensão ganhe uma amplitude conceitual cuja análise se faz necessária ao cumprimento de nosso objetivo de situá-la em sua relação com a crueldade.

I.1 – Da pulsão de dominação ao domínio

No verbete “pulsão de dominação” do *Vocabulário da Psicanálise* encontramos a seguinte definição: “Denominação usada em algumas ocasiões por Freud, sem que o seu emprego possa ser codificado com precisão. Freud entende por ela uma pulsão não sexual que só secundariamente se une à sexualidade e cujo alvo é dominar o objeto pela força” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/1986, p. 514). No entanto, a questão do

domínio aparece em vários momentos na obra de Freud, sendo enunciada em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006, p. 92) como função geral do aparelho psíquico, que estaria “destinado a dominar as excitações”. Como bem destaca Assoun (1989, p. 252) a pulsão de dominação termina por ser um fragmento de uma função geral de domínio. Dessa maneira, o domínio vai assumindo, ao longo da teorização freudiana, um estatuto nocional.

Seguindo esta perspectiva, Dorey (1981) nos diz que uma dupla constatação se impõe ao se tratar da noção de domínio: por um lado, observa-se a escassez de trabalhos sobre esta noção e a presença neles de uma certa confusão a propósito e, por outro lado, constata-se sua importância na teoria psicanalítica.

Outro autor que destaca a importância e a generalidade da noção de domínio é Gantheret (1981, p. 103-104) que nos mostra que ao longo da elaboração freudiana a questão do domínio perpassa todos os modos do funcionamento psíquico em um entrecruzamento dos registros intrassubjetivo e intersubjetivo. No que concerne à dimensão intrassubjetiva, o autor ressalta o domínio que a pulsão exerce sobre o Ego, o domínio do superego e o da fantasia; quanto à dimensão intersubjetiva, o domínio dos homens sobre outros homens, do perverso sobre seu parceiro, do hipnotizador sobre o hipnotizado, do líder sobre a massa e do pai morto como lei sobre a coletividade dos filhos.

Como veremos a seguir, a própria semântica dos termos utilizados por Freud para se referir ao domínio trazem matizes relativos a diferentes formas de domínio. Os termos de que ele se utiliza com mais frequência para se referir ao domínio são *Bemächtigung* e *Bewältigung*. Embora ambos se refiram ao domínio, seus matizes aludem a formas e níveis distintos de domínio:

1) *Bemächtigung*, vem de *Die Macht*, que significa poder, potência, força, como o poder de um estado ou de um império, sendo aqui enfatizado o pressuposto da força para legitimar o domínio. O termo é utilizado, portanto, para designar as forças armadas de um estado (*Wehrmacht*). *Bemächtigung* diz mais respeito, portanto, ao ato de apoderar-se, de tomar pela força, sendo *Bemächtigungstrieb*, por vezes, traduzido como “pulsão de apoderamento”.

2) O significado de *Bewältigung* traz mais a ideia de reinar, governar, no sentido de gerir, administrar. Gantheret (1981, p. 105), partindo da proposição *waltenüber* (dispor de), assinala que se trata de um “domínio por meio de uma força tranquila”, de modo que aqui o domínio já deve ter sido conquistado, não sendo mais necessário tomar

o objeto pela força. O matiz semântico de *Bewältigung* diz respeito a garantir, assegurar o domínio.

Outro termo usado por Freud com menos frequência é *Beherrschung*, onde *Herr* significa senhor, de modo que *Beherrschung* remete à ideia de alguém se assenhorear, obter controle sobre algo. Semanticamente este termo estaria mais próximo de *Bewältigung*, posto que não se refere diretamente à dominação pela força.

No contexto da obra freudiana é possível fazer teoricamente essas distinções semânticas, pois o termo *Bemächtigung* estaria referido a um domínio que visa submeter o objeto pela ação de dominar. Já *Bewältigung* e *Beherrschung* costumam indicar o domínio interno do capital pulsional. Neste caso, estaríamos tratando de uma função de domínio geral que se configura no trabalho psíquico de ligação da energia que invade o aparelho, a dominação do objeto não estando aqui necessariamente em questão.

Nesta perspectiva, no *Vocabulário da Psicanálise* (Cf. LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/1986, p. 514), lemos que o termo *Bemächtigung* é comumente utilizado como *Bemächtigungstrieb* – pulsão de dominação – e denota o ato de apoderar-se, de dominar pela força. Já o termo *Bewältigung* é usado na maioria das vezes por Freud para designar o fato de alguém se tornar senhor da excitação, quer esta seja de origem pulsional ou externa. Contudo, os autores nos alertam que esta precisão terminológica não é totalmente rigorosa, em função da existência de vários pontos de passagem entre a dominação do objeto e o domínio da excitação pulsional.

Analogamente, na língua portuguesa os termos domínio e dominação, quase sinônimos, encontram sua distinção em função da generalidade do primeiro e da especificidade do segundo. Destarte, de acordo com o *Dicionário Houaiss* (2001), enquanto o termo “Domínio” contém quatorze acepções, indo do domínio de um império ao domínio de uma área do conhecimento, o termo “Dominação”, contém apenas uma: a “ação, processo ou efeito de dominar; exercício de influência decisiva e determinante sobre alguém ou algo”, com a seguinte rubrica etológica e psicológica: “em grupos de animais e humano, tendência de lutar por ascendência sobre os outros nas relações com estes mantidas, a qual se manifesta por meio de hierarquias bem estabelecidas”.

Assim sendo, o emprego do termo “domínio” é mais adequado em referência a uma função geral de domínio – em acordo com os sentidos de *Bewältigung* e *Beherrschung* – e o do termo “dominação” à ação de dominar pela força e exercer poder

sobre outrem – em acordo ao sentido de *Bemächtigung*. Ressaltamos, contudo, que o domínio e a dominação não são entidades distintas; a dominação está necessariamente implicada no domínio, uma vez que este diz respeito ao domínio pulsional que se exerce de variadas formas. De modo que a distinção terminológica visa apenas pôr em relevo um caráter mais imediato do domínio, o qual se faz evidente, por exemplo, quando a dominação do objeto externo se revela necessária para o domínio da força pulsional.

Portanto, será pela dominação, na ação e no efeito de dominar e submeter o objeto externo que a crueldade encontrará lugar. Esta primeira distinção terminológica nos traz um primeiro indício do caminho em que a crueldade encontra a dimensão de domínio. Daremos, então, seguimento a nosso trabalho investigando a questão do domínio nas obras de Freud a fim de analisar a sua relação com a crueldade.

Começaremos nosso percurso a partir dos “Três ensaios”, nossa referência privilegiada, haja vista ser nesta obra que o domínio e a crueldade foram originalmente concebidos e revisados ao longo das várias reformulações realizadas de acordo com o desenvolvimento da teoria.

I.2 – O domínio na obra de Freud

I.2.1 – O domínio e a crueldade entre o sadismo e o masoquismo

Na obra de Freud a primeira referência ao domínio – tanto quanto sua primeira articulação com a temática da crueldade – é feita nos “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905/2006, p. 149), no tópico dedicado ao “Sadismo e Masoquismo”. Estes são definidos por Krafft-Ebing respectivamente como prazer em infligir dor (forma ativa), e sua contrapartida passiva, o prazer em sentir dor. Freud também menciona a contribuição de outros autores que preferem a designação de *algolagnia* para fazer referência ao prazer obtido na dor, na crueldade.

Embora a crueldade apareça aqui ao lado do par sadismo/masoquismo, o destaque do tópico é dado à correspondência deste par com a polaridade atividade/passividade. O masoquismo estaria do lado da passividade e o sadismo, da atividade, estando a dominação vinculada a este último.

Ao abordar as raízes do sadismo, Freud afirma que seria fácil estarem presentes nas pessoas normais, pois:

[...] A sexualidade da maioria dos varões exibe uma mescla de *agressão*, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de *cortejar*. Assim, o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante (FREUD, 1905/2006, p. 149).

É digno de nota que ao considerar a “agressão” como um componente da sexualidade masculina, em função da necessidade de vencer a resistência do objeto, Freud faça referência, de modo indireto, à dimensão de domínio através da ideia de “inclinação a subjugar”. Esta, quando exercida, pode ser entendida como uma dominação. Deste modo, se analisamos essa posição nas suas entrelinhas, notamos que o sadismo corresponderia igualmente a esta “inclinação a subjugar” autonomizada e exagerada, própria ao sujeito denominado sádico quando a satisfação sexual é exclusivamente condicionada pela *sujeição* e pelos maus-tratos dirigidos ao outro. (FREUD, 1905/2006, p. 150, Grifo nosso).

O sadismo e o masoquismo são colocados privilegiadamente ao lado da polaridade atividade-passividade, e a dimensão de domínio está implicada na atividade sádica a qual, de acordo com a definição de Freud, implicaria o prazer obtido pelo exercício da crueldade. A relação entre domínio e crueldade se revela aqui nos efeitos da relação sadomasoquista, mas até o momento nada nos é dito quanto à sua origem.

No entanto, uma hipótese levantada por Freud em “Os instintos e suas vicissitudes” (FREUD, 1915/2006) radicaliza a relação do domínio com o sadismo, o domínio sendo aqui apresentado em uma fase preliminar do sadismo – cujo substrato somático é o aparelho muscular – que diria respeito a uma atividade autoerótica da pulsão de dominação, atividade que pode ser inferida a partir dos esforços da criança para obter controle (assenhorear-se [*Beherrschung*]) de seus próprios membros (FREUD, 1915/2006, p. 135). Segundo Green, este seria um trabalho de apropriação do corpo. Esta consideração vem complementar a compreensão da alusão a um “aparelho de dominação” feita nos “Três ensaios” (GREEN, 1988a, p. 44).

I.2.2 – Um aparelho de dominação (*Bemächtigungsapparat*)

Uma primeira indicação acerca do caráter original do domínio é fornecida quando Freud tece considerações acerca das origens do sadismo. Vemos aí uma primeira referência direta ao domínio e à crueldade quando se estabelece estreita relação entre crueldade, pulsão sexual, e “aparelho de dominação”:

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma coparticipação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga (FREUD, 1905/2006, p. 150-151).

Estas afirmações têm algumas implicações das quais queremos destacar a alusão a “uma necessidade ontogeneticamente mais antiga”, que parece apontar para o caráter fundamental desse “aparelho de dominação”. A este respeito Denis (2003, p. 73-74) afirma haver prevalência da dimensão do domínio, implicada no “aparelho de dominação” dos “Três Ensaio”, que seria relativo aos órgãos funcionais, sobretudo a musculatura e os órgãos dos sentidos. Estes teriam por função a efetivação das ações necessárias à satisfação da pulsão.

Tendo em vista que as fontes somáticas do “aparelho de dominação” não dispõem de um poder erógeno em si, não sendo, portanto, capazes de autodescarga; o seu trabalho consistiria então na atividade necessária para alcançar a satisfação. Nas palavras de Denis (2003, p. 74. Tradução nossa): “O domínio é, por assim dizer, o braço secular da pulsão, que assegura o poder sobre o objeto e se coloca a serviço da realização da satisfação”. Podemos considerar que o esforço da criança para obter controle sobre os próprios membros, característica da fase preliminar do sadismo, diz respeito justamente à necessidade de desenvolver este braço secular da pulsão.

De tal modo, segundo a perspectiva desse autor, a pulsão se constitui em dois movimentos complementares e indissociáveis: o primeiro é conduzido pelo domínio e o segundo se manifesta na experiência de satisfação, ou seja, o domínio é, tanto quanto a satisfação, um componente da pulsão. O domínio teria caráter intermediário, entre o sexual e o não sexual, sendo responsável pelo trabalho de ligação entre o ego e o objeto o qual é primeiramente investido pelo domínio, e depois pela satisfação.

Esta perspectiva faz jus à afirmação de Freud de que “o objeto é levado do mundo externo para o ego, a princípio, pelos instintos de autopreservação” (1915/2006, p. 141), ou seja, a princípio é pela necessidade que os objetos serão trazidos para o ego. Mas, “trazer para o ego” pressupõe uma atividade sobre o objeto, uma dominação. É por essa via, portanto, que devemos compreender a afirmação freudiana de que o “aparelho de dominação [...] atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga”.

Contudo, se originalmente é possível estabelecer distinção entre o domínio e o sexual, este é imediatamente convocado a trabalhar ao lado da sexualidade, pelo fato de

a satisfação da necessidade ser logo erotizada. O trabalho do domínio, enquanto aliado à sexualidade, vem a ser esclarecido quando Freud nos fala da masturbação infantil e, em seu corolário, o autoerotismo.

I.2.3 – Domínio e autoerotismo

Ainda no texto “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, o domínio – em seu primeiro aparecimento como “pulsão de dominação” (*Bemächtigungstrieb*) – será relacionado à masturbação infantil no tópico dedicado à atividade genital: “Nos meninos, a preferência pela mão já indica a importante contribuição que a pulsão de dominação está destinada a fazer para a atividade sexual masculina” (FREUD, 1905/2006, p. 177)

Em acordo com a teorização de Denis (2003), vemos que a mão, órgão funcional por excelência, se relaciona à atividade de dominação sobre o órgão erógeno, ou seja, a atividade necessária para a consecução da descarga realizada pelo órgão apropriado para tal. Na vida sexual posterior esta lógica se repetirá, ocorrendo um deslocamento do órgão sexual erógeno para o objeto sexual. Neste caso, a atividade terá lugar na dominação exercida sobre o objeto sexual apassivado. No entanto, podemos inferir a presença da dimensão do domínio desde a atividade masturbatória mais primitiva, situada no registro do autoerotismo.

Freud irá posteriormente se referir a tal presença em uma passagem de “Totem e Tabu” (1913 [1912-13]/2006, p. 94-95) quando, sem evocar de modo explícito o domínio, relaciona-o ao autoerotismo. Aborda a questão da onipotência do desejo do homem primitivo, estabelecendo analogia com as crianças, as quais se encontrariam em “situação psíquica análoga”. Primeiramente, elas “satisfazem seus desejos de uma maneira alucinatória, isto é, criam uma situação satisfatória por meio de excitações centrífugas dos órgãos sensoriais”. O homem primitivo, “tem à sua disposição um método alternativo”, “seus desejos são acompanhados de um impulso motor, a vontade, que está destinado, mais tarde, a alterar toda a face da terra para satisfazer seus desejos”. Podemos ver nesse “impulso motor”, uma clara alusão ao domínio o qual, nestas condições, se aproximaria de um domínio onipotente.

Contudo, se é no autoerotismo que podemos situar um “domínio primordial”, nesta fase o caminho para o reconhecimento do objeto ainda não foi trilhado, pois:

[...] A criança não se serve de um objeto externo para sugar, mas prefere uma parte de sua própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque a torna independente do mundo externo, que ela ainda não consegue *dominar*, e porque desse modo ela se proporciona como que uma segunda zona erógena, se bem que de nível inferior. [...] (FREUD, 1905/2006, p. 171. Grifo nosso).

Essa operação se refere à necessidade de repetir as excitações prazerosas vivenciadas a partir dos cuidados maternos, a saber, é a reversão da passividade em atividade que está aqui em questão. A criança buscará ser ativa em uma experiência que viveu passivamente, para assim tornar-se “independente do mundo externo, que ela ainda não consegue dominar” (FREUD, 1905/2006, p. 171).

O domínio se efetiva como positividade de uma função autoerótica para paliar a ausência do objeto que, em suas vicissitudes, vem a faltar. Neste caso, o “chuchar” seria uma atividade primordial em prol de um primeiro “domínio” que estaria a serviço do se tornar “independente” do mundo externo.

Vimos que tanto no sadismo como na masturbação infantil o polo da atividade/passividade é indexado ao domínio, mas a passagem de um “domínio autoerótico” para um domínio inserido nas relações objetais ainda resta a precisar. Ou seja, se no sadismo o polo ativo/passivo diz respeito à dominação do objeto externo, em um momento em que o objeto é reconhecido como separado do sujeito, no autoerotismo, o domínio não tem propriamente um objeto, pois a criança “não conhece um objeto sexual, [...] e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena* (FREUD, 1905/2006, p. 172).

Se, como afirmamos anteriormente, é através do domínio que se estabelece uma ligação entre ego e objeto, devemos lembrar que, a princípio, tal ligação não supõe a diferenciação do objeto, o qual a princípio não é reconhecido como outro.

A próxima menção ao domínio nos “Três ensaios” é realizada quando Freud nos fala de pulsões parciais que se dirigem a “outras pessoas”, estando aí situada a pulsão de crueldade como efeito da pulsão de dominação. Avançaremos nossa investigação analisando a relação da crueldade com o domínio, estabelecida no tópico sobre as pulsões parciais.

I.2.4 – As pulsões parciais de dominação e de crueldade

Segundo Laplanche & Pontalis (1982/1986, p. 517) o conceito de pulsão parcial é correlativo da ideia “de conjunto, de organização”, e a análise de uma organização põe em evidência as pulsões parciais que nela vêm se integrar. Deste modo, as “pulsões

parciais” devem ser entendidas em seu sentido genético e estrutural: elas começam por funcionar independentemente, e tendem a unir-se nas diversas organizações libidinais (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/1986, p. 516).

Freud observa que a vida sexual infantil, apesar da “dominação preponderante das zonas erógenas, exibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como objeto sexual. Desta natureza são as pulsões parciais do prazer de olhar e de exhibir, bem como a de crueldade”, as quais têm certa independência das zonas erógenas e se fazem notar como aspirações autônomas que governam a organização pré-genital (FREUD, 1905/2006, p. 180-181). Tal afirmação demanda um questionamento sobre o estatuto de “autonomia” destas pulsões.

Neste sentido, a sua independência é posta em questão por Freud que, nas versões de 1905 e 1910 dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2006, p. 182) sustenta que: “A observação ensina, entretanto, que o desenvolvimento sexual e o desenvolvimento das pulsões escopofílica e de crueldade estão sujeitos a influências recíprocas que restringem a suposta independência das duas classes de pulsões”. Estas considerações nos levam a pensar que a “independência” da pulsão de crueldade deve ser situada originariamente, pois muito cedo, sob a influência da sexualidade, ela é colocada em xeque.

Logo adiante, Freud enlaça a crueldade à pulsão de dominação; afirmando que a crueldade “é perfeitamente natural ao caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio” (FREUD, 1905/2006, p. 181). Esta descrição da crueldade como produto de uma dominação que não levaria em conta o objeto é a que mais se aproxima de uma definição metapsicológica da crueldade nas obras freudianas. Assim, a indiferença ao objeto seria o que sela a sua identidade, mas ela é também apontada como derivada da pulsão de dominação.

Cabe então questionar a forma de domínio implicada nesta pulsão de dominação em sua relação com a pulsão de crueldade. Vimos com Denis (2003) que, já nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, para além de uma pulsão o domínio alcança uma generalidade que diz respeito ao próprio funcionamento pulsional. Desde o início este funcionamento busca, para sua satisfação, um domínio sobre o objeto o qual, a princípio, não é reconhecido em sua diferença.

Em outras palavras, nos primórdios da vida psíquica o domínio da pulsão é indiferente ao objeto. Sendo a crueldade fundamentada em tal domínio, é válido

perguntar se esta não comportaria uma dimensão arcaica que se confunde com a própria pulsão, tal como pensa Mijolla-Mellor (2005).

Outra questão é que a crueldade deve ser necessariamente pensada a partir da relação de objeto, o que impõe uma análise da lógica de funcionamento que lhe seria basilar. Se as pulsões parciais pressupõem uma organização libidinal, na qual elas se integram, e as organizações libidinais apontam para uma determinada lógica, cabe questionar em qual delas deveríamos situar o domínio em sua articulação com a crueldade.

I.2.5 – As organizações pré-genitais

Ao nos voltarmos para as organizações pré-genitais, não se trata de estabelecer nenhuma relação imediatista entre determinada fase e a crueldade, até porque, como destacam Laplanche & Pontalis (1982/1986, p. 417-418), na passagem de uma organização libidinal à seguinte, a fase anterior é integrada à que a sucede. O que nos interessa aqui é a lógica e os modos de relação de objeto característicos de cada fase, os quais nos servirão para ilustrar o modo de funcionamento que mais se identifica à crueldade.

Também cabe destacar que embora Freud nos fale das organizações pré-genitais sem pôr em relevo o objeto, uma nota¹ de “Os instintos e suas vicissitudes” (1915/2006, p. 139-140) deixa claro que a presença deste é pressuposto fundamental. Como bem insiste Green (1988a, p. 127), a mãe está implicada nas organizações pré-genitais, as quais são necessariamente mediadas pelo objeto.

Nesta investigação, começando pelo suplemento de 1915 aos “Três ensaios”, vemos que a primeira organização é a oral ou canibalesca (FREUD, 1905/2006, p. 187). Nesta organização, a atividade sexual ainda mal se separa da nutrição e nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior, sendo que o objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual é a *incorporação do objeto*. Como assinalamos acima, nesta organização encontramos o “chuchar” como atividade privilegiada, a qual

¹ Em tal nota, Freud nos diz que “o estado narcisista primordial não seria capaz de seguir o desenvolvimento se não fosse pelo fato de que todo indivíduo passa por um período durante o qual é inerte, necessitando de cuidado, e durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por um agente externo” (1915/2006, p. 139-140).

estaria relacionada a um domínio primordial que visa garantir certa independência ao objeto externo.

A segunda organização é a *sádico-anal* (FREUD, 1905/2006, p. 187). Nela, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se faz evidente na polaridade *atividade-passividade*, sendo a atividade produto da “pulsão de dominação” através da musculatura do corpo, e a passividade produto da erogeneidade da mucosa intestinal. Nesta fase, já é possível demonstrar um objeto alheio.

No artigo “Os instintos e suas vicissitudes” (FREUD, 1915/2006, p. 139-140), Freud tece considerações a respeito dos primórdios da vida psíquica que complementam os suplementos dos “Três ensaios”. No que se refere ao autoerotismo, Freud o relaciona a uma fase “puramente narcisista” onde o sujeito do ego coincide com o que é agradável e o mundo externo com o que é indiferente ou possivelmente desagradável, uma vez que é potencialmente fonte de estimulação.

Vale salientar que, em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915/2006), Freud visa esclarecer a relação do narcisismo com o autoerotismo, em um momento em que a unidade egoica alcançada pela *nova ação psíquica* que é adicionada ao autoerotismo (FREUD, 1914/2006) ainda está em vias de se consolidar. De tal modo, fala-se de um “narcisismo primordial”, uma fase “puramente narcisista” caracterizada por funcionamento autoerótico cuja positividade repousa no trabalho que vai no sentido da unificação das pulsões parciais. Sendo neste registro que o “repúdio primordial” ao “mundo externo”, ou seja, a indiferença ao mundo externo do ego puramente narcísico deve ser situada como a negatividade da atividade autoerótica que torna o sujeito independente do mundo externo.

Esta fase corresponderia, sobretudo, à organização oral, onde o protótipo do “amor” teria lugar na incorporação, “um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto” (FREUD, 1905/2006, p. 143). Tendo em vista que o objeto ainda não é reconhecido, a relação com ele é *pré-ambivalente*, permeada pela indiferença, sob a vigência da primeira polaridade “amor-indiferença”.

Na organização posterior, a *sádico-anal*, o objeto passa a ser reconhecido no ódio. Nesta fase está em vigência a segunda polaridade amor-ódio, a qual está atrelada à polaridade prazer-desprazer em sintonia com as relações entre o ego e o objeto: “Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto” (FREUD, 1915/2006, p. 141). Assim, se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (*urge*)

motora que procura trazê-lo para perto, inversamente, se o objeto for fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia (*urges*) para aumentar a distância entre o objeto e o ego.

No entanto, se nesta fase já é possível falar em amor e ódio, a *ambivalência* em relação ao objeto impõe certa indistinção entre ambos e na relação de ódio: “O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades autopreservativas” (FREUD, 1915/2006, p. 142-143). Inversamente – e de certa maneira analogamente –, na relação de amor, “a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (*urges*) de dominar, para a qual o dano ou aniquilamento do objeto é indiferente” (FREUD, 1915/2006, p. 143).

Podemos observar a indiferença – a qual como selo da crueldade será nossa maior referência – ao longo das duas fases descritas. Porém, é necessário estabelecer distinções: a indiferença da primeira fase é “puramente narcísica”, aqui o objeto não é reconhecido, de modo que, a rigor, não há objeto externo. Já a indiferença referida à segunda fase deve ser relativizada, pois já é possível “demonstrar um objeto alheio”. A indiferença se realiza aqui sob os efeitos da “ânsia de dominar”, onde os danos ao objeto não são levados em conta.

Ou seja, o fundamento primeiro da crueldade repousa na primeira fase, quando a relação objetal segue uma lógica da indiferença. Já na segunda é a dominação do objeto que ganha relevância, sendo a indiferença apenas um efeito.

I.3 – A crueldade entre o domínio e a indiferença

I.3.1 – Do domínio “puramente narcísico” à dominação do objeto externo

São as vicissitudes do domínio e da indiferença na passagem de uma lógica da oralidade para uma lógica da analidade que trataremos agora, quando o sujeito sai de uma relação de indiferença para uma relação de ódio e dominação.

A indiferença referida ao modo de funcionamento da fase anal-sádica é restrita pela capacidade de odiar que começa a ser desenvolvida e traz subjacente o reconhecimento do objeto como outro. Sobre isso Porte (2002) nos fala de um “ódio de individuação” relativo à tomada de consciência da separação do objeto que se torna,

portanto, odioso. Segundo a autora, este ódio teria caráter positivo uma vez que reforçaria o movimento de individuação pelos ataques ao objeto.

Explorando a ideia de um “ódio de individuação”, podemos pensar que a tomada de consciência da separação do objeto se realiza à medida que este se afasta e, assim fazendo, torna-se odioso como diferente, e *limitador* da indiferenciação. Assim, é uma operação em que o objeto se distancia para agenciar os limites do ego, sendo delimitador, e daí então tornar-se odioso, o que, neste caso, emprestaria ao ódio um caráter salutar, pois a emergência deste afeto vem atestar o sucesso da operação.

É também aqui que o polo atividade-passividade encontrará o objeto externo sobre o qual a dominação será efetivamente realizada. A partir do que nos disse Porte (2002), podemos inferir que a ânsia (*urges*) de dominar o objeto que surge nessa fase seria, duplamente: 1) uma resposta negativa à sua separação, que por meio da dominação tentaria retomar o estado anterior de indiferenciação; 2) com efeitos positivos à medida que reforça a individuação.

Nos “Três ensaios” (1905/2006, p. 158), Freud afirmara que o amor se transforma em ódio a partir de uma mescla da crueldade com a libido. Levando em consideração uma passagem de “Os instintos e suas vicissitudes” (1915/2006, p. 141), onde ele sublinha que “a indiferença se enquadra como um caso especial de ódio ou desagrado, após ter aparecido inicialmente como sendo seu precursor”, podemos nos questionar se essa indiferença precursora do ódio não se equivale à crueldade que, mesclada à libido, transforma o amor em ódio. Considerando tal equivalência, é possível formular a seguinte hipótese: a saída da indiferença para o ódio não implicaria, igualmente, uma mescla da crueldade com a libido?

Se o ódio surge pelo reconhecimento do objeto como diferente, segue-se que a saída do estado de indiferença – onde toda libido é voltada para si em um modo de satisfação autoerótico – supõe necessariamente um investimento libidinal que revele o objeto externo. Neste caso, a mescla entre libido e crueldade diria respeito a uma exteriorização da libido que permitiria o reconhecimento do objeto; seria por esta via que o ego sairia de uma pura negação, que equivale à aniquilação do objeto, para uma relação de dominação e ódio.

Lembremos que, no caso do domínio autoerótico do “narcisismo primordial”, a indiferença se apoia sobre a reflexividade entre atividade-passividade, a qual garante a independência ao objeto externo. Neste momento, estamos diante de duas tendências, uma ativa e outra passiva, sujeito e objeto que, a exemplo do chuchar, se encontram,

uma vez que a boca que chupa, e ocupa assim o lugar da atividade, goza também passivamente, sendo, portanto, sujeito e objeto simultaneamente. Na fase anal-sádica, tal reflexividade também pode ser encontrada na atividade muscular do intestino e na passividade da mucosa, que assim encontra o prazer de órgão. Porém, aqui uma deflexão da libido para o objeto externo é operada.

De acordo com Laplanche & Pontalis (1982/1986, p. 234), no modo de funcionamento desta fase, a relação com o objeto está impregnada de significações ligadas à função de defecação (expulsão-retenção) atrelada ao desenvolvimento do domínio muscular. Seguindo esta perspectiva, nos apoiaremos em algumas contribuições de Gantheret que, em seu artigo “De l’emprise à la pulsion d’emprise” (1981), desenvolve uma análise das relações objetais sob a perspectiva do domínio, oferecendo-nos uma via de entendimento de como se dá a passagem de uma lógica da indiferença para uma lógica da dominação (GANTHERET, 1981, p. 109-110).

O autor nos adverte sobre um elemento determinante para a passagem do domínio autoerótico à dominação do objeto externo: o conteúdo fecal é o *elemento intermediário* e condição necessária à reflexividade autoerótica da analidade, porém, diferente do corpo da criança, ele não goza do poder reflexivo próprio ao autoerotismo; de modo que, em si mesmo, só pode ser o objeto sobre o qual, com o apoio da musculatura, uma dominação será exercida para a sua posterior expulsão, funcionando assim como vetor do erotismo anal para os objetos externos e, portanto, operador da deflexão da libido autoerótica. Gantheret nos diz que esta “exteriorização” configura uma operação que “drena” a pulsão de dominação para os objetos externos, sendo um protótipo da projeção. Em suas palavras:

[...] podemos encontrar a imagem de um movimento que transporta aos objetos do mundo exterior a voluptuosidade interna da retenção. O prazer de órgão inicial da mucosa intestinal torna-se prazer de órgão de toda a musculatura, que goza da dominação e oferece os meios ativos para manter este gozo. Mas o que é capital destacar é que o que vai aparecer neste movimento é o objeto como tal (GANTHERET, 1981, p. 109-110, Tradução nossa).

Vimos com Denis (2003) que a pulsão comporta uma dimensão de domínio e de satisfação; a reflexão de Gantheret assinala justamente a passagem de um domínio onde a satisfação se realiza autoeroticamente para uma satisfação através da dominação do objeto externo. De tal maneira, o autor segue dizendo que esta operação sinaliza os primeiros passos do amor objetual, em acordo com a já assinalada afirmação freudiana de 1915, a saber, de que quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetual, o prazer e o desprazer significam relações entre o ego e o objeto e, de tal modo, quando o

objeto torna-se fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma “*urge motora*” que procura trazê-lo para perto:

A pulsão de dominação aparece como um instrumento que vai operar uma soldagem essencial: ela indica à voluptuosidade autoerótica o caminho dos objetos, do amor objetal, e ao mesmo tempo confunde este amor com o ódio relativo à autoconservação. [...] Deste modo, o primeiro amor é o primeiro ódio (GANTHERET, 1981, p. 110. Tradução nossa).

Esta passagem nos mostra como, sob a perspectiva do domínio, se dá a saída da indiferença da fase puramente narcisista para o amor/ódio ao objeto externo.

Estas mesmas questões virão a ser tratadas no modelo do segundo dualismo pulsional, e a partir dele será possível reiterar algumas de nossas proposições acima sobre a relação entre domínio e crueldade.

I.3.2 – O domínio e a crueldade no segundo dualismo pulsional

Com a nova dualidade pulsional a questão de uma força negativa no psiquismo é radicalizada. Se antes o polo econômico do prazer/desprazer eram a referência maior à positividade e negatividade da dinâmica pulsional, com a virada de 1920 este lugar passa a ser ocupado pelas pulsões de vida e de morte. A primeira diria respeito a uma positividade da força pulsional que trabalha para a formação de unidades cada vez maiores, ao passo que a segunda diria respeito a um trabalho negativo de dissolução das unidades que, em última instância, chegaria até a dissolução do próprio ego.

Ou seja, se anteriormente a indiferença, o ódio e a dominação estavam sujeitos ao fundamento econômico no princípio de prazer, após 1920, há de se levar em conta uma negatividade que está para além dele.

Em um artigo de 1925, “A negativa” (1925/2006, p. 266-269), ao tratar da faculdade de julgar, Freud nos diz que ela é uma expressão da “linguagem das mais antigas pulsões, as orais”, as quais podem ser ilustradas da seguinte forma: “gostaria de comer isso” ou “gostaria de cuspi-lo fora”, equivalentes a “gostaria de botar isto para dentro de mim e manter aquilo fora”. Tais expressões das “pulsões orais” corresponderiam, respectivamente, a Eros, como força afirmativa primordial, e pulsão de morte, como força negativa primordial.

Desta maneira, sob a luz do novo modelo da teoria das pulsões, o fundamento da crueldade pode ser referido a uma expressão desta força negativa primordial que corresponderia, em última instância, à pulsão de morte; e o “gostaria de cuspi-lo fora”,

correspondente à linguagem “das mais antigas pulsões orais”, ilustra bem a radicalidade desta negação, em sintonia com a relação que estabelecemos entre a crueldade e o modo de funcionamento que predomina na lógica da oralidade.

Voltemos agora as nossas considerações para um artigo de 1924, “O problema econômico do masoquismo” (FREUD, 1924/2006, p. 181), onde é dito que a libido tem a missão de tornar inócua a pulsão de morte, e realiza isso desviando-a, com o apoio do aparelho muscular, em grande parte para fora, no sentido dos objetos externos. A partir desta operação a pulsão é então considerada como pulsão destrutiva, pulsão de dominação, ou vontade de poder. Vemos aí que uma operação de “drenagem” da pulsão de morte é realizada pela dominação sobre um objeto externo e a condição para a realização desta operação é a influência da libido.

Discutimos anteriormente a proposição de que o ódio se configuraria como uma mescla entre a crueldade e a libido que se manifestaria a partir de sua exteriorização no objeto externo; a partir das contribuições de Gantheret (1981), tivemos a oportunidade de pontuar que a dominação dos objetos externos implica uma operação de transposição da libido realizada sob a lógica anal-sádica. Analogamente, ao considerarmos a pulsão de morte como força negativa primordial, vemos que esta, sob a influência da libido, poderá ser drenada para o objeto externo por meio da dominação.

Vale salientar que, após a virada de 1920, o sadismo se configurará como entidade privilegiada ao movimento de exteriorização do mortífero. Freud chega a dizer que é por meio dele que será trilhado o caminho do objeto: “Poder-se-ia verdadeiramente dizer que o sadismo que foi expulso do ego apontou o caminho para os componentes libidinais do instinto sexual e que estes o seguiram para o objeto” (FREUD, 1920/2006, p. 64-65).

Como pontuam Laplanche & Pontalis (1982/1986, p. 235), há correspondência entre sadismo e erotismo anal uma vez que “o sadismo, bipolar por natureza – visto que visa contraditoriamente destruir o objeto e mantê-lo dominando-o – encontraria a sua privilegiada correspondência no funcionamento bifásico do esfíncter anal (evacuação-retenção) e no controle deste”.

Deste modo, na lógica sádico-anal, o que sobressai não é a aniquilação do objeto; aqui são o ódio e a dominação que predominam. E se o ódio, por um lado, aponta para um ego que já consegue se distinguir do objeto, por outro lado, a *urge* por dominá-lo revela que esta distinção ainda é frágil.

Já na lógica da oralidade, a “destruição” do objeto pela incorporação assinala total alienação do ego ao objeto. Aqui não há nem pode haver o reconhecimento do outro. Na própria ilustração trazida por Freud – “gostaria de cuspi-lo fora” – temos a imagem de uma recusa *a priori* que contrasta com a recusa da analidade, a qual supõe que o objeto já fez sua entrada.

No contexto do narcisismo, como operação que vai edificar as fronteiras egoicas, a indiferença seria predominante em um momento anterior à delimitação do ego como unidade. Já a dominação visaria reforçar o que já foi delimitado, sendo o ódio que a acompanha efeito de uma nostalgia do estado de indiferenciação (GREEN, 1988a): não é mais possível negar a existência separada do objeto e, igualmente, não é mais possível manter-se na indiferenciação, o que torna o objeto odioso em uma relação atravessada pela dominação.

Antes de prosseguir gostaríamos de fazer uma ressalva. Soa bastante estranho falar em crueldade em um momento tão arcaico e, levando em conta o caráter de violência extrema a ela relacionado, pode-se contestar a relação que estabelecemos entre a crueldade e esta indiferença originária.

No entanto, entendemos a crueldade como a atualização desta recusa radical à alteridade cujas raízes estariam nesta indiferença “puramente narcísica”. Desta maneira, não seria legítimo pensar que a violência extrema em que a alteridade é negada – tal como é o caso do exercício da crueldade – reproduziria uma violência extrema vivida neste primeiro contato com a alteridade sob o manto da indiferença?

É neste sentido que pensamos um caráter originário à crueldade, no sentido de que esta reproduz uma lógica arcaica de relação objetal. Assim procedendo nos foi possível balizá-la entre o domínio e a indiferença, entre as lógicas da oralidade e da analidade.

Sob esta perspectiva, somos levados a investigar a questão da “fixação ao trauma”, questão que poderá nos oferecer subsídios à compreensão de como lógicas de funcionamento arcaicas se cristalizam e tornam-se predominantes nas futuras relações de objeto.

I.4 – Fixação ao trauma como fundamento à atualização da crueldade

Nos tópicos anteriores tratamos do domínio em uma perspectiva arcaica a fim de situá-lo em sua relação com a crueldade. No entanto, conforme discutimos no início do capítulo, o domínio se manifesta de várias formas. Assim sendo, em “Além do princípio de prazer” (1920/2006), Freud nos fala de um trabalho psíquico que possibilitará um domínio por vias mais elaboradas. Nesta perspectiva, faz menção às brincadeiras infantis que repetiriam um evento causador de forte impressão como procedimento que visaria torná-las senhoras da situação. A criança, passiva em determinado evento, repete na brincadeira uma experiência traumática, de modo a tornar-se ativa e assenhorear-se da situação.

Tal é o caso do jogo do *fort-da*, descrito por Freud como uma “grande realização cultural” (1920/2006, p. 26) de seu neto que, a partir dela, pôde elaborar psiquicamente a ausência de sua mãe e assim suportá-la sem protestar. Esta atividade de domínio é essencialmente diferente de uma dominação do objeto pela via do ato, terreno fértil ao exercício da crueldade.

Como assinala Dorey (1981, p. 136), no caso do “*fort-da*” entra em cena uma formação defensiva que não carece de um objeto externo substitutivo sobre o qual uma dominação será exercida. Vemos aqui se efetivar um verdadeiro trabalho psíquico de elaboração interior de uma experiência vivida de forma angustiante, trabalho em que o objeto em si é secundário, posto que esse domínio se baseia em uma transformação do aparelho psíquico que dá os primeiros passos em direção à simbolização.

Após desvelar o sentido das brincadeiras infantis, Freud se pergunta “se o impulso para elaborar na mente alguma experiência de dominação, de modo a tornar-se senhor dela, pode encontrar expressão como um evento primário e independente do princípio de prazer” (FREUD, 1920/2006, p. 27). Tal afirmação mostra claramente uma primazia da dimensão do domínio no psiquismo que já se fazia notar desde os “Três ensaios”. Contudo, após a entrada em cena da pulsão de morte e de um funcionamento psíquico além do princípio de prazer, uma função de domínio geral que permeia todo o psiquismo assume uma nova dimensão.

Neste sentido, Freud retoma o conceito de trauma como a ruptura de uma barreira diante da irrupção de um excesso pulsional no aparelho psíquico. O rompimento causado por um acontecimento traumático provocará um distúrbio em

grande escala no funcionamento da energia do psiquismo que colocará em movimento todas as medidas defensivas possíveis (FREUD, 1920/2006, p. 40)

Na impossibilidade de um domínio pulsional através de um trabalho psíquico pela via da simbolização, o ego pode apelar para um modo de “dominação” por meio de mecanismos defensivos precários. Estes, de acordo com Cardoso (2011a, p. 28), são limitados a “um modelo mecânico e imediatista da ação e da reação, cuja lógica é atrelada, de maneira quase exclusiva, à polaridade entre atividade e passividade”. Portanto, neste caso, a máxima é evitar o colapso do aparelho psíquico, mesmo que por meio de modalidades defensivas que estariam fora do campo do princípio de prazer.

Estas defesas arcaicas ganham relevância nesta retomada do trauma no registro do além do princípio de prazer. A partir daí Freud fará uma revisão do conceito de defesa para atender às novas exigências da teoria. Deste modo, em “Inibições, sintomas e ansiedade” (FREUD, 1926 [1925]/2006), irá estabelecer uma correlação entre determinadas modalidades de defesa e determinadas fases de organização do psiquismo.

Nesta linha, em 1920, Freud atentara para o potencial traumático da vida sexual infantil, a qual por sua precocidade estaria fadada ao fracasso que deixaria atrás de si uma “cicatriz narcísica” determinante ao sentimento de inferioridade do neurótico. Vivências que não causaram nenhum prazer no passado são atualizadas “sob a pressão de uma compulsão”, a despeito de terem sido malogradas no passado, de maneira que “nenhuma lição foi aprendida da antiga experiência” (FREUD, 1920/2006, p. 31-32).

A partir destas considerações, Freud faz alusão a um poder “demoníaco” sobre a vida dessas pessoas, impelidas ao eterno retorno de situações que conduzem apenas ao desprazer: “(...) a psicanálise, porém, sempre foi de opinião de que seu destino é, na maior parte, arranjado por elas próprias e determinado por influências infantis primitivas” (FREUD, 1920/2006, p. 32). Estas considerações trazem à tona a noção de “fixação ao trauma” que, a partir de 1920, pressupõe uma cristalização da experiência traumática a qual deverá ser compulsivamente repetida.

A impossibilidade de simbolização de determinados elementos nos remete ao caráter atemporal do traumático que, como assinala Cardoso (2011b, p. 75), está fora do universo representacional; é imemorável, portanto, não historicizado. A autora nos diz que a “memória traumática” tem caráter literal, pois só faz repetir compulsivamente o elemento traumático não passível de representação, sendo precisamente o avesso de uma memória representacional. Esta assinala a possibilidade de historicização do vivido

para o enriquecimento do psiquismo, ao passo que a memória traumática está presa na dimensão da atualidade.

Sob o signo do traumático, podemos pensar em um funcionamento psíquico fixado em modalidades defensivas relativas a fases primitivas de organização do psiquismo. Estas podem ser consideradas como arcaicas, apontando para uma problemática narcísica uma vez que, como nos ensina Cardoso,

supõe a má diferenciação entre sujeito e objeto; supõe, também, a precariedade das fronteiras egoicas em relação à alteridade interna, não dispondo o sujeito de reservas narcísicas suficientes para uma maior margem de manobra em sua relação com o objeto (Cardoso, 2011a, p. 27).

Nestas bases, podemos pensar que a atualização da crueldade se refere a um traumático vivido nos primórdios da vida psíquica, de maneira que estamos diante de uma problemática narcísica, onde o sujeito ficará preso a um modo de relação com o objeto relativo a uma vivência traumática no registro de um modo de funcionamento pré-genital.

Algumas considerações de Freud nos fazem corroborar esta hipótese. Nas conferências introdutórias (FREUD, 1917 [1916-17]/2006, p. 349), ao tratar da etiologia das patologias psíquicas, Freud nos diz que “há um limite à quantidade de libido não satisfeita que os seres humanos, em média, podem suportar” e “um desenvolvimento imperfeito da libido deixa atrás de si fixações libidinais muito férteis e, talvez, também, muito numerosas, em fases precoces da organização”.

Em “Esboço de psicanálise” (1940 [1938]/2006, p. 202), Freud ressalta o papel da mãe, como “primeira sedutora” e concomitantemente “o primeiro e mais forte objeto amoroso e protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos”; nesta mesma linha, nas “Novas conferências introdutórias”, ao tratar da relação pré-edípica da menina com sua mãe, nos diz que “sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições” (FREUD, 1933 [1932]/2006, p. 120).

Portanto, reiteramos o papel fundamental do objeto primário como mediador do desenvolvimento libidinal do sujeito. Entendemos que a relação que o sujeito estabelece com ele será basilar às futuras relações objetais e um traumático vivido nestes momentos fundamentais colocará a lógica que atravessa esta relação no registro do atual.

No que se refere à crueldade, podemos situá-la fundamentalmente no “repúdio primordial” do “ego narcisista” ao “mundo externo”. Mas ela também participa da dominação sádica ao objeto externo. Entretanto, se no sadismo a indiferença é tributária da dominação, no domínio primordial autoerótico as coisas se invertem, é o domínio que é tributário da indiferença, sendo absolutamente necessário dizer não ao objeto para alcançar um domínio primordial de si.

É neste registro que estamos mais próximos da crueldade, sendo através dele que seguiremos nossa investigação no próximo capítulo, onde aprofundaremos o lugar da indiferença na constituição psíquica de modo a recolher os subsídios teóricos necessários para demarcarmos o caráter singular da crueldade.

Capítulo II

Narcisismo: Indiferença e trauma

No capítulo anterior, situamos a crueldade entre o domínio e a indiferença. Vimos que a indiferença estaria fundamentalmente referida aos primórdios da constituição psíquica, em uma fase em que o ego estava totalmente alienado ao objeto, o que implica a negação da existência separada do objeto em prol de um domínio primordial de si, condição para a edificação das fronteiras egoicas.

Assim fazendo, nos foi possível enxergar o caráter constitutivo e positivo da indiferença, o que nos levou a problematizar a sua relação com a crueldade. Deveremos agora aprofundar o lugar da indiferença na constituição do psiquismo e, especialmente, o seu lugar no território do traumático. Desta maneira, será possível enxergar a crueldade como uma possível resposta a um traumático assentado na indiferença.

Nossa apreciação teórica será apoiada, em grande parte, na noção de “trabalho do negativo”, proposta por André Green, noção através da qual podemos estabelecer e precisar a hipótese dessa relação existente entre crueldade e indiferença. Ao trabalharmos a questão da indiferença sob o signo do traumático, as contribuições de Green se mostraram fundamentais para a compreensão do fenômeno da crueldade como “atualização”, como resposta radical ao traumático.

II.1 – Narcisismo: ego-prazer e indiferença

Temos considerado a ideia da indiferença originária a partir do que nos fala Freud em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915/2006, p. 139), quando faz referência à “situação psíquica primordial”. Esta expressão visa indicar o estágio psíquico no qual as pulsões são dirigidas ao ego que é, até certo ponto, capaz de satisfazer-se em si mesmo. Esta é a condição que Freud denomina “narcisismo primordial”.

Já tivemos igualmente a oportunidade de indicar que o nascimento do objeto corresponderá, posteriormente, à emergência do ódio. Numa relação objetual de tipo ambivalente, este se confunde com o amor, sendo o primeiro amor, simultaneamente, o primeiro ódio. Ou seja, amar/odiar implica a exteriorização da libido dirigida ao objeto

externo, o que supõe que os limites do ego já estejam esboçados, mesmo que de modo frágil.

Este modo de ligação com o outro ultrapassa a condição de indiferença em relação ao mundo externo. Deste modo, “o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença” (FREUD, 1915/2006, p. 138).

A relação de indiferença com o mundo externo corresponde à primeira tarefa para a edificação do ego, a saber, o estabelecimento de uma base de prazer purificado. A realização desta tarefa cabe ao “ego da realidade original”, que distinguirá o interno e o externo pelo critério do prazer, para assim transformar-se em um “ego do prazer”.

[...] Para o ego do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do ego coincide com o prazer, e o mundo externo com o desprazer (com o que anteriormente era indiferente) (FREUD, 1915/2006, p. 141).

A indiferença diz respeito à constituição de um ego do prazer purificado e se assenta na incorporação de um objeto bom (prazer) e na expulsão de um objeto mau (desprazer). Nestas bases, o termo indiferença comporta esses dois direcionamentos, visto que o prefixo ‘in’ diz respeito tanto à negativa quanto a um movimento para dentro. Neste último caso, a incorporação é um movimento voltado para dentro – a incorporação do objeto bom – que purifica o ego do prazer, à medida que nega tudo que é diferente do prazer: a expulsão do objeto mau.

Sobre este aspecto, Green (1988b, p. 292) mostra que é essa expulsão do mau que permitirá a criação de um espaço interno no qual o ego, como organização, emergirá na instauração de uma ordem fundada no estabelecimento de ligações relacionadas às experiências de satisfação. Por outro lado, “tudo aquilo que não for ligado pelo ego na incorporação primitiva, dando origem ao ‘Ego-prazer purificado’, este Eros subjetivado, pende para o lado da pulsão de morte sob a forma de um desligamento primordial” (GREEN, 1988b, p. 241-242. Tradução nossa).

Nesta operação, o desprazer configura-se como negatividade que confere essa identidade primária ao ego do prazer, ou seja, é pela negatividade do desprazer que o ego do prazer poderá vir a se positivar. Estamos diante de uma dupla negação, sendo o desprazer uma primeira negação do mundo externo, que ensejará uma segunda negação por parte do ego – o que, por sua vez, possibilitará que o lugar do “mundo externo” esteja presente em sua atividade autoerótica.

Ocupar o lugar do mundo externo equivale a ocupar o lugar do vazio da falta do objeto do qual se obtém o prazer, levando-se em conta que “este prazer é percebido como tal quando está faltando – uma falta cruel – e seu lugar é assumido pelo desprazer da falta do objeto prazeroso, ou seja, a falta de prazer” (GREEN, 1988c, p. 92). É do objeto – portador, neste caso, de toda a potência – a tarefa de mediar uma operação com uma sucessão de estados de onipotência e impotência, impondo constantes desmentidos ao vivido de onipotência narcísica através do sentimento de impotência provocado pelas experiências de desprazer.

Desse modo, surge a necessidade de se emancipar do objeto e potencializar a existência própria. Neste contexto, a indiferença tem como implicação a experiência alucinatória de satisfação, efeito de uma ligação primária, solidária à positividade de um domínio primordial de natureza autoerótica, que trabalhará em favor da formação de uma reserva de experiências de prazer. Segundo Rocha (2008, p. 66-67), é neste registro que devemos situar o investimento libidinal originário do ego que, por sua vez, será a base para o Ego-ideal da nova ação psíquica. Ou seja, é a partir da descrição freudiana da constituição do Ego-prazer de 1915 que se pode compreender a formação do reservatório de libido narcísica relativa à operação do narcisismo primário.

Ao analisar o que se passa nesse estágio, Cintra sintetiza bem a função dessa reserva, sustentando que ela seria a “garantia de acesso ao prazer e à segurança, aumentando a capacidade de se tolerar estados transitórios de dor e frustração”. O objeto bom é “o nome das experiências de satisfação introjetadas e convertidas em fonte de bem-estar e segurança” (CINTRA, 2012, p. 66).

Em suma, o papel da indiferença em relação ao outro, própria à esfera do ego-prazer, à esfera desse amor a si próprio de tipo absoluto, é o de permitir o estabelecimento de um espaço interno que vem abrigar as primeiras ligações das experiências de prazer. O caráter absoluto que apresenta revela-se, de fato, crucial para a criação deste primeiro espaço – fechado à diferença – permitindo a afirmação de uma identidade primária.

Este trabalho dependerá em grande parte da qualidade do encontro com o objeto primário o qual, segundo Green (1986/2010, p. 292), deve se ocupar da criança, descarregando-a daquilo que seria excessivamente desagradável no seu mundo interno e recebendo, no seu próprio psiquismo, o que dela foi expulso. Trata-se de um plano projetivo onde o que foi expulso encontra um encaminhamento, uma superfície para a projeção. É neste plano especular que a unificação do ego poderá se efetivar. É sob esta

dimensão especular que o objeto deverá consentir em receber a atribuição do mal e da inexistência: “(...) é essencial para a construção do Eu do bebê que lhe permita dizer sim a si mesmo, que a mãe aceite que ele possa lhe dizer não. Não somente sob a forma de ‘Você é má’, mas às vezes, também, ‘Você não existe’” (GREEN, 1986/2010, p. 292).

O sucesso do narcisismo consiste em uma operação paradoxal em que o sujeito deve tomar a si próprio como objeto a partir do objeto externo e assim garantir certa independência em relação a ele. Nesta operação, a inversão das polaridades – o retorno sobre si e a transformação da passividade em atividade – é representada pela satisfação sob a modalidade autoerótica, que permite que se alcance certa autonomia em relação ao objeto externo, uma vez que o centramento em si supõe a circulação de investimentos narcísicos.

A criança passa a tratar a si mesma como a mãe a tratava, o que a faz deixar de ser uma simples excentração da criança para ser colocada no centro: “*A mãe é tomada no quadro da alucinação negativa e torna-se estrutura enquadrante para o próprio sujeito. O sujeito edifica-se ali onde a investidura do objeto foi consagrada ao invés de seu investimento*” (GREEN, 1988a, p. 140 Grifo do autor).

O objeto é apagado e transformado em estrutura enquadrante, ou seja, espaço interno receptáculo do eu que circunscreve um campo vazio. Tal apagamento é possível quando o amor do objeto é suficientemente seguro para desempenhar o papel de continente do espaço representativo, o quadro oferece a garantia da presença materna em sua ausência e pode ser preenchido por fantasias de todos os tipos, funcionando como a matriz primordial dos investimentos futuros, próprios ao registro da simbolização (GREEN, 1988a, p. 274).

Seguindo esta visão, a indiferença, inserida no registro do narcisismo, tem caráter estruturante como negação indispensável para a criação de um espaço necessário à afirmação primordial de si. Esta faz parte do trabalho que possibilitará ao sujeito trilhar o caminho do amor de objeto o qual, segundo Green (2007, p. 56) seria o único amor verdadeiro.

[...] O amor de si mesmo do narcisismo é um refúgio que pode assegurar alívio provisório, parcial e temporário. [...] A estrutura psíquica conhece o perigo da ilusão e, no entanto, sob outro ponto de vista, a ilusão lhe é necessária para ajudar a se sustentar em um nível de atividade suficiente para nutrir sua autoestima. *O Ego-prazer purificado é, igualmente, um ego muito vulnerável* (GREEN, 2007, p. 56. Grifo do autor. Tradução nossa).

A indiferença do ego-prazer deve dar lugar ao reconhecimento da diferença do objeto externo e contingente: é necessário que se saia do fechamento de um narcisismo

absoluto para abrir a possibilidade de se investir em novos objetos. Como afirma Freud, “devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar” (FREUD, 1914/2006, p. 92).

A este respeito, no ensaio “Sobre a transitoriedade” (1916 [1915]/2006), Freud colocará em questão a capacidade da libido de transitar entre os objetos, ou seja, ele pontua a própria positividade da libido *versus* certo negativismo que assombrava o poeta e o “amigo taciturno” que o acompanhavam em sua caminhada. Freud entendeu que esta negatividade diz respeito a uma exigência de imortalidade das coisas e que tal exigência revela o poder do objeto sobre a libido, que dele se desliga a duras penas.

A constituição do narcisismo serve para limitar esse poder na mesma medida em que vem estabelecer os limites entre ego e objeto, permitindo ao ego dele se desligar e assim suportar a transitoriedade. A incapacidade de suportar a transitoriedade aponta justamente para um fracasso no registro do narcisismo. É a partir desses pressupostos que sustentamos que a problemática da indiferença pode se assentar como uma base traumática.

A (in)capacidade de suportar a transitoriedade foi trabalhada especialmente por Winnicott (1975 [1971]), através da ideia de fenômenos transicionais, tópico cuja exploração poderá nos auxiliar em nossa pesquisa.

II.2 – A indiferença sob o signo do traumático

Winnicott (1971/1975) considera o objeto transicional como aquele que possibilita a transição de um estado de fusão do bebê com a mãe para um estado em que passa a se relacionar com ela como objeto externo, efetivamente dele separado. Esta transição diz respeito à passagem de um estado de necessidade absoluta do objeto para o de necessidade relativa, onde, inicialmente, a atividade de natureza autoerótica permite ao bebê tolerar os estados de dor e frustração ocasionados pela ausência do objeto. No entanto, “há um limite temporal para a frustração” e “a princípio, naturalmente, esse limite deve ser curto” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 24).

O autor enfatiza a importância da mãe-ambiente na provisão do sentimento de continuidade do ser do sujeito, e que deverá ser preservado. O cuidado na satisfação das necessidades do bebê deve ser pautado pela crescente capacidade dele de tolerar os

estados de frustração, o que, de acordo com o que indicamos anteriormente, supõe a manutenção de adequada reserva de libido narcísica. A ausência da mãe deve comportar uma negatividade suficiente que possibilite a positividade de um domínio crescente da capacidade do bebê de suportar o caráter transitório do objeto. Isto implica, inevitavelmente, uma crescente diminuição do poder do objeto. Este deixará de ser absolutamente necessário à medida que vem a ser tomado em si.

No “Seminário sobre o trabalho do negativo” (1988/2010), Green afirma que é nas vivências traumáticas com o objeto primário, quando eles fracassam e produzem efeitos extraordinários, que o poder do objeto, próprio à constituição do eu é posto em relevo. No caso, o que o autor vem a designar como “trabalho do negativo” consiste justamente no apagamento do objeto, que se fará presente na ausência, possibilitando internamente a sua transformação em estrutura enquadrante.

Quando a ausência de resposta do objeto ultrapassa certo limite, o trabalho do negativo ultrapassa igualmente seus limites, podendo resultar na constituição de um núcleo traumático. Um caso de uma paciente de Winnicott (1971/1975) – que posteriormente veio a ser atendida por Green – ilustra bem a marca desta falha no trabalho do negativo. Esta paciente vivenciou muito cedo experiências de separação que constituíram forte traço negativo, levando-a a dizer não a tudo, inclusive a si mesma. Para Winnicott isto seria reflexo do que ele considerou como “o lado negativo das relações”, e que se faz notar pelos fracassos experimentados pelos filhos quando os pais não estão disponíveis.

Ainda em referência a essa paciente, acrescenta Green (1993/2010, p. 19) que quando a capacidade de espera de uma resposta ardentemente desejada da mãe ultrapassa certo limite, chega-se a um estado em que apenas o que é negativo vem a ser vivido como real. A marca traumática dessas experiências seria tal que se estenderia a toda a estrutura psíquica, tornando-se, inclusive, independente dos futuros aparecimentos e desaparecimentos do objeto. Neste caso, a presença do objeto se impõe como modelo negativo das relações objetais. Desaparece a esperança de retorno do outro, já que estas experiências primárias – nas quais o objeto é absolutamente necessário – situam-se fora do tempo. Ou seja, ultrapassado certo limite, a ausência do objeto tende a se eternizar. Como diz Winnicott: transposto o limite, a mãe morreu (1971/1975, p. 41).

Tal situação abre uma via de compreensão do que Freud nos dissera em termos de “exigência de imortalidade” como negativo da transitoriedade. Tal exigência

transparece claramente no vivido subjetivo da paciente de Winnicott quando ela diz: “imagino querer algo que nunca se perca” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 43).

Se retomarmos neste ponto o que dizíamos acerca da indiferença – que pressupõe a incorporação do objeto bom (prazer) em prol da expulsão de um objeto mau (desprazer) identificado ao estranho – supomos que o sentimento de perda do objeto primário pode vir a se cristalizar internamente sob a sua face “estranha”. Ou seja, o objeto pode ficar aderido à pulsão como pura intensidade desligada.

Neste caso, a positividade de uma satisfação de tipo autoerótico não pode cumprir o seu papel. Como assinalam Carvalho e Viana (2012, p. 41), se o objeto não pode ser perdido, a função autoerótica de sustentar uma operação de transitividade entre o objeto primário e a criança se estabelece mal. O sujeito se verá, portanto cristalizado em uma autossuficiência mítica que nega o objeto uma vez que a presença deste representa uma ameaça.

As consequências disso serão marcantes na cena externa na qual o encontro com o objeto será reflexo de uma alteridade interna essencialmente traumática. Sua presença ativará uma força “demoníaca” no mundo interno, e que tenderá a se “atualizar”, ou seja, a se repetir de modo atuado a cada encontro com o objeto externo cuja negação passa a ser, então, uma questão de sobrevivência psíquica. A tendência a negá-lo seria uma defesa desesperada contra o fim de tudo, o “negativo” passando a ser o único “positivo” (WINNICOTT, 1971/1975, p. 45).

A este propósito, Green nos fala de um modo de funcionamento orientado pela “lógica da indiferença”. Esta revela o desejo de retorno à ilusão de autossuficiência que libertaria o sujeito das variações impostas pelo objeto, privando-o de qualquer constância em sua relação com ele (GREEN, 1988c, p. 32). Estamos diante do que Green designa “narcisismo negativo”, reflexo da ação extrema do que ele trata em termos de função desobjetalizante. Essas noções de Green permitem-nos explorar a relação entre indiferença e crueldade, como tentaremos mostrar a seguir.

II.3 – Função objetalizante/desobjetalizante

As noções de função objetalizante e desobjetalizante são fundamentadas numa interessante e pertinente articulação entre o registro pulsional e as relações objetais. A partir dessas noções, Green oferece uma via de compreensão de como o conflito

pulsional reflete uma lógica dialética pautada na ligação e no desligamento. Não haveria ligação efetiva sem um desligamento individuante; não haveria ligação sem recombinação: conjunção e disjunção funcionam aqui como eixo principal de análise (GREEN, 1988d, p. 60).

O conflito de base entre pulsões de vida e pulsões de morte resulta da ação conjunta destas pulsões, sempre mescladas. É a partir deste conflito que o autor vai pensar a base do movimento pulsional como função objetalizante e função desobjetalizante.

Na conferência “O trabalho do negativo” das “Conferências Brasileiras” (1990), Green inicia sua reflexão sobre essas funções situando a pulsão a partir de uma articulação entre a “teoria clássica” e a “teoria das relações de objeto”. Para ele, afirmar a primazia do objeto em detrimento da pulsão, ou vice-versa, nos colocaria “diante de um falso problema”. Em suas palavras: “(...) ou vocês admitem que é uma espécie de força mais ou menos inata, enraizada no somático, de funcionamento quase automático, que certamente pode mudar seus objetivos, seus objetos... ou então é o objeto, e o objeto é a relação inter-humana” (GREEN, 1990, p. 71).

O objeto é o revelador da pulsão, sendo que esta implica necessariamente um organismo “que tem pulsões que se exprimem no somático”, mas que “só chegarão a existir e só serão para ele objeto de conhecimento, ou só mobilizarão nele mecanismos de significação, na medida em que o objeto as revelar” (GREEN, 1990, p. 71).

O que Green afirma é bem fiel ao postulado de Freud segundo o qual a pulsão é um conceito-limite entre o psíquico e o somático e que seria através do objeto que ela encontraria sua finalidade (FREUD, 1915/2006). Enraizada no somático, a pulsão carrega determinações biológicas que a colocam em relação de apoio e, ao mesmo tempo, de desvio com o instinto, sendo o objeto a condição necessária para que ela se torne realidade efetiva.

Para melhor compreendermos a ideia de que a pulsão é um conceito-limite, devemos nos remeter à sua “pré-história”, ao tempo pré-objetal, de pré-realização. O conceito de pulsão (*Trieb*) comporta a significação de impulsão, vinculada ao verbo impelir, “fazer avançar à força”, onde a acentuação incide menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, destacando-se aqui o caráter irreprimível da pressão (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/1986, p. 506). A existência dessa pressão remete ao registro do somático, ou seja, à exigência de trabalho feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. É o fator motor próprio à

pulsão que Green, em *O discurso vivo* (1973/1982, p. 266), relaciona à dimensão econômica, como “violência interna”, que impele determinada quantidade de energia pulsional a encontrar sentido. Portanto, trata-se de uma força que deve encontrar um direcionamento.

O termo sentido concerne tanto a um contato imediato com a realidade – por meio da qualidade de receber sensações – quanto a um direcionamento. Vale notar que esses dois aspectos são indissociáveis na configuração da pulsão. De acordo com essa visão, Green nos diz que a um bebê recém-nascido, como organismo vivo:

[...] Falta-lhe o objeto que lhe dê o leite e o objeto para o qual sua respiração signifique alguma coisa. Isso quer dizer que lhe falta uma dimensão da qual – a menos que nos entreguemos a uma ficção biológica, e isso não é meu estilo – ele não tinha absolutamente nenhuma espécie nem de experiência nem de necessidade: o amor... o amor da mãe (GREEN, 1990, p. 71).

Esse amor passa pelo corpo da mãe, por seu olhar, seu sorriso, seu tocar, ou seja, por todos os cuidados cobertos de erotismo, os quais imprimem um sentido em que as categorias da “sensação” e do “ordenamento” virão se solidarizar para a configuração da pulsão. Essa experiência leva a uma alteração do mundo interno posto que, ao sentir o objeto, o que era uma experiência puramente orgânica vem a ser ressignificada. O que primeiramente era “excitação somática” torna-se energia psíquica, libidinal.

Neste ponto, cabe retomarmos o que Freud afirmara no Projeto (1895 {1950 [1887-1902]}/2006) acerca da “vivência de satisfação”, a saber, que a ação de um indivíduo “experimentado” e, portanto, capacitado a suprir o estado de necessidade da criança desamparada, gera uma facilitação, uma via de investimento, um sentido à excitação e, portanto, um investimento significativo.

No tempo “pré” da pulsão havia um organismo vivo e uma pessoa próxima que, através do investimento significativo, se revelavam, respectivamente, como corpo pulsional e objeto. Aqui está em jogo um investimento que possibilita o nascimento do objeto e a transformação do que antes era pura força em um circuito pulsional, orientado a se satisfazer através do encontro com os objetos.

Afirma Green (1988d, p. 58-59) que é possível formular as pulsões como entidades primeiras, fundamentais, isto é, originárias, mas tendo-se, no entanto, de considerar que o objeto é o revelador das pulsões. Ele não as cria – e sem dúvida, pode-se dizer que, em certa medida, é criado por elas –, mas é a condição de seu vir a existir. E é através dessa existência que ele mesmo será criado, ainda que já estando lá.

É a partir dessa concepção que o autor irá propor a noção de função objetizante como investimento significativo o qual, em certa medida, criaria os objetos. Com base

no conflito pulsional entre pulsões de vida e pulsão de morte, e considerando os mecanismos que lhe são característicos – ligação e desligamento – ele indica que a meta das pulsões de vida é garantir uma função objetalizante através do investimento significativo. Por meio da ligação, este permite conservar os objetos em um circuito pulsional, mantendo constante o investimento.

A própria constituição do ego é o resultado de um investimento significativo, já que a nova ação psíquica, própria à operação do narcisismo, implica justamente que o ego se ofereça ao Id como objeto, como substituto do objeto primário: “Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto” (FREUD, 1923/2006, p. 43). Se o próprio ego torna-se objeto, não seria absurdo supor que qualquer coisa pode tornar-se objeto: basta que o investimento significativo seja mantido para que a função objetalizante possa cumprir o seu papel:

No limite extremo, basta que uma só das características do objeto seja salva, para que haja investimento significativo. Se o investimento significativo for mantido, isto é, se eu elejo um objeto, não importa qual seja, um pedaço de barbante, por exemplo, mas se eu o elejo, dando-lhe sentido, dizendo que esse pedaço de barbante tem sentido para mim, porque me lembra o dia em que encontrei meu primeiro amor – e havia um pedaço de barbante em sua roupa... e eu o guardei –, basta então que o investimento significativo seja conservado, para que seja mantida a condição de deslocamento do objeto (GREEN, 1990, p. 73).

Green oferece outro exemplo desse modo de funcionamento a partir do mecanismo da sublimação, utilizando-se de uma ilustração de tipo caricatural:

[...] se na infância você era um *voyeur*, você se torna um fotógrafo... [...] Seria, entretanto, um erro acreditar que a fotografia, para o fotógrafo, é uma coleção infinita de fotografias. A fotografia é um investimento, e um investimento que não corresponde à sequência de fotos tiradas, mas à atividade da fotografia, mesmo quando não se tira fotos. Assim sendo, é o interesse pela fotografia que se torna o objeto, e não somente as fotos tiradas, o que me permite então falar do que denominei de “função objetalizante” (GREEN, 1990, p. 73-74).

Neste exemplo, está em jogo uma atividade psíquica em que, no limite, é o próprio investimento que vem a ser objetalizado.

Inversamente, a atividade de desligamento da pulsão de morte diz respeito a uma *função desobjetalizante*, que ataca a relação com o objeto através do desinvestimento, expressão da pulsão de morte (GREEN, 1988d, p. 60). A desobjetalização entra em ação cada vez que o sujeito realiza, diante do objeto, uma desqualificação de sua própria singularidade e de seus próprios atributos, despojando-o de suas características de objeto à medida que o desinveste (GREEN, 1990, p. 76).

Encontramos esse tipo de movimento pulsional em nossa vida cotidiana, por exemplo, no caso de objetos que nos são caros, mas que, um belo dia, deixamos de enxergar. Eles estão lá, mas perdem o nosso interesse. Nas palavras de Green:

“esquecemos sua especificidade, sua singularidade, suas características que, precisamente, ligam nosso amor à sua pessoa. Isso, para mim, faz parte do que chamo de função desobjetalizante, e vejo aí a manifestação da pulsão de morte” (GREEN, 1990, p. 76).

II.4 – Indiferença extrema e desobjetalização

É neste ponto que a teorização de Green nos oferece subsídios importantes para o desenvolvimento de nossa hipótese segundo a qual o ato de crueldade pode ser entendido como tendo subjacente uma indiferença extrema em relação ao outro. Se por um lado a desobjetalização assinala uma positividade que permite ao sujeito investir em novos objetos, por outro lado, ela pode ser radicalizada até o ponto em que o outro é despojado de sua identidade humana, declarado estrangeiro absoluto. Isto concerne à relação inicial do ego narcisista com o mundo externo, relação que, segundo Green, deve ser entendida em termos de um narcisismo positivo e negativo.

Em sintonia com a ideia de função objetalizante e desobjetalizante, ele nos fala de narcisismo de vida e de morte, operações que seriam relativas às duas pulsões fundamentais. O narcisismo de vida aspira à unidade, trabalha para a organização das pulsões parciais em um investimento unitário do Ego; o narcisismo de morte, expressão do princípio de nirvana, aspira à redução dos investimentos ao nível zero (GREEN, 1988a, p. 40). Em outras palavras, o narcisismo positivo implica um narcisismo negativo, “duplo sombrio do Eros unitário do narcisismo positivo, de modo que todo o investimento de objeto, assim como do Eu, implica seu duplo invertido, que visa um retorno regressivo ao ponto zero” (GREEN, 1988a, p. 43).

Esses dois movimentos contrários têm seu fundamento na indiferença originária de que falávamos acima, cuja negatividade deve servir a uma afirmação primordial de si para a criação de um espaço interno onde o ego do sujeito se edificará. No entanto, como também sublinhamos anteriormente, o objeto deve marcar sua presença no psiquismo, conferir o estabelecimento de uma reserva narcísica. Isto permitirá ao sujeito dele se desligar, já que o objeto será transformado em estrutura enquadrante, um quadro vazio, que se configura como potência para as representações através das quais o objeto se fará presente em sua ausência.

Se uma vivência traumática vier a fazer com que o objeto seja identificado à negatividade, a afirmação primordial de si não se realizará de forma eficiente e o negativo aprisionar-se-á na dimensão do “atual” – da presentificação do trauma – sob o signo da compulsão à repetição (CARDOSO, 2011b). Neste contexto, o objeto não abre espaço para sua representação, permanecendo marcado por sua inexistência. É o que Green (1988c, p. 295) denomina *investimento negativo*, e que concerne a uma estrutura narcísica “negativa”, caracterizada pela valorização de um estado de não ser:

[...] Esforçando-se por esse estado de quietude que se segue à satisfação com um objeto, mas se encontrando em um estado onde a satisfação não ocorreu dentro dos limites toleráveis a seu aparelho psíquico, o sujeito procura alcançar o mesmo estado como se a satisfação houvesse sido obtida, através da estratégia de renunciar a toda esperança de satisfação, através de induzir em si próprio um estado de morte psíquica (GREEN, 1988c, p. 295).

Em tal estado, todo vínculo com o objeto é abolido, “elimina-se a dependência com respeito ao objeto e ao desejo por um autoerotismo pobre, desprovido de fantasias, cuja finalidade é a descarga como despejo higiênico” (GREEN, 1988a, p. 205-206). A vinculação com o objeto tem como corolário a marca de um vivido de desamparo. A radicalização da indiferença surgiria como último recurso para garantir uma unidade narcísica cuja coesão parece depender da negação radical e compulsiva do outro.

Tal negação implica a ausência de tonalidade afetiva nas relações com o objeto externo, potência e sinal de uma afecção ameaçadora advinda da relação com o objeto interno, sua sombra “demoníaca”, fonte de violência pulsional, que ataca o sujeito por dentro. É neste contexto que a indiferença extrema da crueldade entra em cena como resposta defensiva primitiva a uma violência interna que, neste caso, encontra endereçamento no objeto externo.

II.5 – Indiferença extrema e crueldade

Em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926 [1925]/2006), Freud abordara a questão das defesas mais primitivas. Estas estariam relacionadas a uma dimensão prioritariamente quantitativa, ao passo que as defesas mais elaboradas suporiam a presença de uma dimensão representacional, ligada diretamente às questões qualitativas. Como desenvolveremos no presente tópico – e, em maiores detalhes ainda, no capítulo seguinte da presente dissertação – a ausência de tonalidade afetiva que caracteriza a indiferença cruel, o ato de crueldade, supõe, no plano intrapsíquico, o exercício de uma

modalidade defensiva contra o confronto com uma alteridade interna extrema². Esta teria permanecido aderida à pulsão como pura intensidade desligada. Estamos, então, diante de uma destrutividade que, por sua frieza, Green (1988b, p. 250) trata como “assassinato sem paixão”, ato que consistiria em matar as vítimas, os seus objetos, sem os tocar. O que está em jogo neste caso é a necessidade de mantê-los o mais longe possível.

Nesta mesma linha, Dominique Cupa (2007, 2012a, 2012b) aborda a crueldade a partir da ideia de que em sua base estaria a indiferença extrema. Em “L’indifférence: au-delà de la haine” (2012a) assinala que nos casos de crueldade a indiferença dos sujeitos cruéis em relação às suas vítimas está sempre presente como elemento essencial. A partir dessa suposição, ela traça estreita articulação entre crueldade e indiferença.

Inicia sua reflexão por uma apreciação semântica do termo “indiferença”, seguida de uma análise metapsicológica da questão. A indiferença é definida como “o estado de uma pessoa que não sente dor, prazer, medo, ou desejo, mostrando desapego às coisas e eventos [...] ela concerne à ausência de interesse a respeito de um ser, à neutralidade afetiva, à frieza” (CUPA, 2012a, p. 1022. Tradução nossa). A indiferença seria, então, o estado em que o sujeito não sente nenhum afeto pelo outro, dele estando totalmente desligado.

Trata-se de um estado de “anestesia psíquica” (CUPA, 2012a, p. 1022. Tradução nossa) a partir de profundo desinvestimento afetivo que remonta ao nível zero, ao princípio do nirvana. A busca dessa anestesia psíquica supõe necessariamente a ausência de tonalidade afetiva nas relações objetais em que é anulado o caráter qualitativo do afeto. Esta seria característica essencial da indiferença, o que nos permitirá iluminar a sua relação com a crueldade. É por este viés que a autora dará seguimento à sua argumentação, apoiando-se na definição de afeto de Green:

Para esclarecer as coisas, designaremos, portanto, por afeto um termo categorial que agrupa todos os aspectos subjetivos qualificativos da vida emocional no sentido amplo, compreendendo todas as nuances que a língua alemã (*Empfindung, Gefühl*) ou a língua francesa (*émotion, sentiment, passion, etc.*) encontram sob este tópico. *Afeto deverá, portanto ser compreendido essencialmente como um termo metapsicológico, mais do que descritivo* (GREEN, 1973 [1982], p. 20. Grifos do autor).

²O termo *extremo* se refere tanto a algo com alto grau de intensidade quanto ao que está no ponto mais remoto, mais afastado, em acordo com o que estamos propondo (DICIONÁRIO HOUAISS, 2001).

O afeto constitui experiência corporal e psíquica onde a primeira é condição da segunda. A experiência corporal se produz pela descarga interna, movimento que revela o sentimento de existência do corpo que, desta forma, sai de seu silêncio. O afeto tem uma vertente interna e outra externa, sendo uma mensagem ao interno endereçada ao outro, possibilitando ao sujeito tomar consciência de seu corpo em um processo de “psiquização” que, por sua vez, se enriquece pela polaridade “prazer-desprazer”.

De tal maneira, Green (1973 [1982] p. 198) nos diz que o princípio de prazer estabelece uma dicotomia que funcionará como princípio de simbolização primária, já que divide e categoriza a experiência afetiva; é, portanto, estruturante para o desenvolvimento afetivo.

Estas considerações acerca do princípio de prazer como elemento estruturante vêm complementar a noção de função objetualizante. Já tínhamos mencionado que a polaridade prazer/desprazer diz respeito ao objeto prazeroso cuja ausência será sentida como desprazer, ensejando a realização de um trabalho psíquico, pois “é sobre o fundo dessa ausência que será necessário criar os signos que se inscreverão no lugar da falta, como um valor de troca e não como substituto” (GREEN, 1988a, p. 140).

A dimensão do prazer está sujeita aos cuidados suficientemente bons de uma mãe que empresta seu erotismo ao bebê, posto que o prazer implica deslocamento da categoria da necessidade para a do desejo. É a partir dele que se realizarão as primeiras ligações relativas às experiências vividas com o objeto para a formação de uma reserva de libido narcísica. Estas experiências potencializarão o investimento significativo que concerne à garantia da função objetualizante. A qualidade do encontro com o objeto primário é basilar para a instauração da série prazer/desprazer como princípio de simbolização primária, indissociável da função objetualizante.

Desta maneira, concordamos com Cupa (2012a) quando afirma que o ato de crueldade revela, no plano interno, falhas na instauração do princípio de prazer, as quais se fazem notar na impossibilidade de amar/odiar o objeto, que permanece na esfera da indiferença:

[...] Podemos pensar que a indiferença provém de um movimento momentâneo ou durável de desobjetualização em que o sujeito se desliga do objeto, desinveste-o, o objeto perde então suas qualidades de objeto para o sujeito, o ego se esvazia de suas qualidades de sujeito, dessubjetivando-se (CUPA, 2012a, p. 1024. Tradução nossa).

É através da noção de desobjetualização, em sua forma extrema, alcançando o que se pode considerar como “narcisismo negativo”, que Cupa (2012a) virá descrever o deserto afetivo característico do ato de crueldade, com a sua marca da indiferença

extrema em relação à alteridade do outro. A indiferença encontraria sua singularidade e assentamento em um estado puramente narcísico precedente ao ódio, tal como pontuado por Freud em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915/2006). Para a autora, estaríamos aqui no plano de uma “crueldade originária”, conforme sua designação.

Ao tratar dessa crueldade denominada “originária”, a autora também se ancora no pensamento de Winnicott (1945, 1950), precisamente no que este aborda como estágio do pré-concernimento (*pre-concern*), quando a agressividade do bebê apresenta-se como medida de proteção à usurpação ou à falta de seu ambiente. Em vias de integração, personalização e realização, o bebê ainda não é capaz de estabelecer uma relação de pessoa total com a mãe; ele é voraz e não se dá conta de que o que destrói nos estados de excitação é aquilo que ama nos momentos tranquilos. Tal agressividade seria característica de um amor impiedoso (*ruthless love*), termo que indica o ataque imaginário do bebê ao corpo da mãe, já que não é capaz de reconhecê-la como objeto total, passível de identificação.

Caberá à mãe suficientemente boa sobreviver a esses ataques para que o bebê venha a perceber a existência de continuidade entre a mãe-objeto, alvo dos ataques, e a mãe-ambiente tranquila, que cuida dele, sendo possível integrá-las em uma só. É a partir desse movimento de integração que o bebê poderá alcançar a capacidade de se concernir (*concern*) em relação ao outro, agora percebido como pessoa total, passível de ser amada e odiada.

Sobre esses aspectos e sobre as possíveis respostas a esse tipo de vivência arcaica, Roussillon (1999) nos diz que no “traumatismo primário” haveria esgotamento dos recursos internos para ligar o afluxo de excitações. Diante desta ameaça, o ego se retira da experiência traumática inicial e engendra uma clivagem dos elementos traumáticos para assegurar a sobrevivência psíquica, mas ao preço de uma amputação de uma parte de si. Vale salientar que esta clivagem não divide o ego em duas correntes de representações inconciliáveis, mas em uma parte dotada de representações e outra parte não representada, reduto de traços mnésicos inassimiláveis.

Na tentativa de neutralizar o retorno do clivado dá-se um rearranjo subjetivo, os investimentos objetais são restringidos e a vida afetiva é desqualificada em uma operação que Roussillon (1999) entende como “neutralização energética”. Evita-se tanto quanto possível os investimentos objetais, uma vez que estes põem em risco a sobrevivência psíquica pela reativação dos elementos traumáticos.

A partir das contribuições de Roussillon, consideramos que a ausência de tonalidade afetiva característica da indiferença cruel suporia o acionamento de uma radical neutralização energética contra uma alteridade clivada no psiquismo. Estamos diante de uma ferida narcísica cruel que ataca o sujeito na sua capacidade de investir nos objetos, de viver com o outro. A independência em relação aos objetos é signo do narcisismo negativo, “onde a frieza, a distância e a indiferença tornam-se eficazes escudos contra os golpes vindos do objeto. Forma-se uma carapaça narcísica protetora e preventiva contra os traumas, mas ao preço de uma esclerose mortificante que mina o prazer de viver” (GREEN, 1988a, p. 178).

A partir dessa perspectiva, Cupa (2012a, p. 1027) aborda a crueldade como resposta relativa à indiferença narcísica de um sujeito em busca de um estado onde toda tensão deve ser abolida para a afirmação de um fantasma de invulnerabilidade, em uma perspectiva de autoengendramento, reflexo do narcisismo negativo.

Assinala, inclusive (CUPA, 2012b), que quando Freud formaliza sua concepção da crueldade, faz uso do termo *Grausamkeit*, que exprime crueldade, mas também atrocidade, barbárie; o termo deriva de *Grauen*, que significa terror (*Schreck, effroi*), evocando a relação entre a crueldade e o terror. Outro termo também traduzido por crueldade é *Mordlust*, que significa, literalmente, “prazer em assassinar”.

É também sugerido que *Grausamkeit* assinala uma violência mais arcaica do que *Mordlust*, no sentido de que a crueldade estaria aquém do sadismo. A relação de *Grausamkeit* com o terror parece ser a pista para distingui-la de *Mordlust*, tendo em vista que o terror é um afeto mais primário, que diz respeito a uma situação traumática em que o aparelho se vê invadido por uma irrupção pulsional desligada, confrontando o sujeito com uma situação de desamparo (BORGES, 2011, p. 29-30).

São esses tópicos que pretendemos explorar no capítulo seguinte no qual nos centraremos, principalmente, nos elementos que permitem distinguir o caráter mais elementar da crueldade em relação à destrutividade do *Mordlust*, própria do sadismo.

A partir destas indicações, nos voltaremos para a questão da alteridade na perversão, uma vez que é neste modo de funcionamento que o sadismo se insere. Buscaremos esclarecer que o lugar que a crueldade ocupa nesse quadro clínico é secundário. Em acordo com o que sustentamos no presente capítulo, não é nas configurações perversas que a crueldade se manifesta em sua forma mais pura, mas sim em um modo de funcionamento onde predomina a aniquilação do outro, atravessada

pela indiferença. No caso da resposta da crueldade, a dimensão de alteridade possui caráter particular, como iremos desenvolver no capítulo seguinte.

Capítulo III

Crueldade e alteridade: a marca da indiferença extrema

Se com regularidade encontramos o sadismo nas relações de objeto guiadas por uma lógica perversa, não nos parece que a perversão possa estar ancorada em um modo de relação marcado por indiferença extrema, como seria o caso dos atos de crueldade em sua manifestação mais pura.

É a dominação do objeto, sob o signo da compulsão à repetição, que nos parece estar em relevo na perversão, o que nos remete à questão da dominação e do ódio. Estes dois elementos nos permitem explicitar as bases da perversão, que pensamos ser distintas daquelas que seriam próprias da crueldade como manifestação clínica. Nesta, como iremos aqui mostrar, é a dimensão de indiferença que aparece de forma prevalente.

No presente capítulo, iremos justamente abordar essas distinções, proposta que se faz possível após termos elaborado os diversos elementos em jogo na questão central, que vêm nos ocupando até aqui em nossa pesquisa: a singularidade dos atos de crueldade, em particular o que os fundamentaria.

III.1 – A dominação perversa

Como assinalamos no primeiro capítulo, a importância das elaborações freudianas acerca das organizações pré-genitais repousa nos modos de funcionamento característicos de cada fase. Desta maneira estabelecemos, com Laplanche e Pontalis (1982/1986, p. 235), que o sadismo e o erotismo anal mantêm uma correspondência relativa à perspectiva paradoxal de destruir o objeto e mantê-lo dominado.

O trabalho de Chasseguet-Smirgel (1991, p. 215) aprofunda essa correspondência: “as perversões, quaisquer que sejam os conteúdos, desenrolam-se em um pano de fundo idêntico, constituído pela regressão sádico-anal”. Para a autora, tal regressão relaciona-se com uma desqualificação radical da figura paterna. Acrescenta que a insistência de Freud sobre o fato de a criança desejar, antes de tudo, ser grande,

indicaria o sucesso da função do Ideal do Ego encarnado na figura paterna, sendo este o propulsor das identificações.

A atitude sedutora da mãe anularia tal desejo uma vez que ensejaria uma fixação a um modelo pré-genital centrado na analidade: “Nas perversões tudo se passa como se a mãe tivesse impellido a criança a se deixar enganar, fazendo-a crer que era, com sua sexualidade infantil, um parceiro perfeito, que nada tinha a invejar de seu pai” (CHASSEGUET-SMIRGEL, 1991, p. 11).

Os efeitos da castração encaminham o sujeito a uma busca nostálgica da fusão primária através da projeção do seu narcisismo nos ideais; inversamente, a fixação à analidade corresponde ao fracasso desta operação. Em tal perspectiva, a perversão diz respeito, dentre outros fatores, a um *desencaminhamento* do ideal do ego através da sedução materna cujo efeito principal seria o encurtamento desse caminho pela idealização da analidade. Neste caso, o universo genital da diferença é abolido, e a realidade é subvertida ao “reino da analidade”, o que significa considerar a perversão como obrigatoriamente sádica.

A idealização da analidade da qual nos fala Chasseguet-Smirgel remete-nos à questão da dominação do objeto externo, característico desta fase, permitindo supor que um ordenamento da sexualidade sob o primado da fase anal-sádica implica uma relação objetual *sob o primado da dominação*. Como bem assinala Denis (2003, p. 74), um aspecto essencial da “descoberta freudiana” diz respeito à continuidade da vida psíquica como psicosexualidade, colocando, desse modo, toda inflexão da vida psíquica à sua contrapartida na vida sexual, e inversamente. Portanto, quando a relação de objeto apresenta caráter perverso, isso não incide somente sobre o parceiro sexual, mas atinge todo o campo da relação com o outro.

Uma vez que as organizações da libido são mediadas pelo objeto e contemporâneas à constituição do ego, a passagem da organização anal-sádica – onde se situa originariamente uma relação de dominação – para a organização genital, supõe que o sujeito disponha de reserva narcísica suficiente para operar um distanciamento do objeto, o que promove a ascensão a um domínio de tipo simbólico, tal como ilustrado no jogo do *fort-da*.

Levando em conta que o complexo de castração vem a efetivar o corte entre o sujeito e a figura materna pela entrada de um terceiro, podemos pensar que é aí que a mediação do objeto terá lugar, a saber, a convocação do terceiro através do desejo materno. O problema da perversão versa justamente sobre uma falha nessa ascensão ao

domínio simbólico pela dominação materna, inviabilizando a dissolução do Complexo de Édipo.

Outro autor que complementa nossas considerações é Robert Stoller (1986), que considera a perversão como resultado de um interjogo de hostilidade e erotismo sob uma dinâmica singular, a qual justamente inviabilizaria a referida dissolução. Pontua ainda o autor que a erotização do ódio seria basilar no quadro da perversão, cujas fantasias implicam necessariamente a dominação hostil do outro, como forma de converter o trauma infantil em triunfo adulto.

Seguindo a mesma perspectiva, a análise que propõe Cardoso (2002b, p. 198) sobre a dimensão do poder na perversão, ilustrada através da obra de Sade, é congruente com o que procuramos aqui indicar. Mostra a autora que através da *mise en scène* de uma situação de domínio sexual do outro, Sade nos conduz, em negativo, a uma situação na qual o sujeito permanece cristalizado numa posição necessariamente subjugada. A dominação aparece aqui como resposta a um estado de passividade absoluta diante do outro, cena traumática a ser repetida compulsivamente.

Dorey (1981, p. 123) afirma que, no tocante às perversões, a relação entre a mãe e seu bebê supõe total passividade deste ao desejo exclusivo de sua mãe. Trata-se de uma relação especular, não mediatizada, onde o terceiro estaria necessariamente excluído. Este empreendimento de sedução tem por consequência última um sério entrave do processo de *separação*, condição necessária para o engendramento do sujeito na ordem simbólica.

Diante de uma dominação profundamente alienante e traumática, o sujeito se vê preso no interior de um círculo imaginário ao qual é condenado a “dar a volta” indefinidamente. Sobre estas bases, o perverso fica destinado a reproduzir sem cessar esse mesmo tipo de relação, mas transformando-a em seu contrário. Vítima de dominação tirânica vivida passivamente irá, sob o mecanismo de “identificação ao agressor”, tornar-se ativo através do exercício da dominação sobre o objeto externo. Cabe, entretanto, ressaltar que ele será sempre, ao mesmo tempo, dominador e dominado, em função do modelo especular que move essa relação.

A partir da análise de pacientes perversos, constata McDougall (1989) a presença de certo padrão em sua história familiar – que consiste na presença maciça de uma mãe dominadora e na ausência de uma figura paterna que viesse fazer o corte nesta “relação de dominação”. O pai, agente de separação, costuma, segundo McDougall, ser desqualificado em benefício da dominação materna. A desqualificação do pai pode ser

entendida, portanto, como desqualificação da dimensão da alteridade, pois, à medida que deveria ser responsável por promover um corte na relação de tipo especular entre a mãe e seu bebê, ele seria também a primeira figura de alteridade.

Seguindo com McDougall (1997), tal desqualificação se articula diretamente à pobreza que se observa no universo representacional do sujeito perverso. O excesso de proximidade com o objeto primário funcionaria como entrave à simbolização do outro no psiquismo da criança, visto que esta não disporia de um espaço transicional que intercalasse presença e ausência de forma suficientemente boa.

A pobreza do universo representacional do perverso seria, então, relativa a uma redução da dimensão da alteridade, pois amar um “objeto total” implica necessariamente o reconhecimento de sua alteridade. No caso da perversão, o objeto é buscado somente à medida que pode fornecer o objeto parcial suscetível de corresponder ao desejo perverso *idealizado* (DENIS 2003, p. 76). Diante dessa alienação ao objeto primário, é a questão da simbolização da alteridade que está fundamentalmente em jogo; o outro, o diferente, tudo que remete à castração, ao limite, é gerenciado pelo perverso por meio do mecanismo da recusa.

A “recusa da castração” se insere em uma problemática dos limites eu-outro; a dominação do objeto primário teria aprisionado o sujeito em uma relação onde ele teria funcionado como “objeto-coisa” para o outro que o antecede, objeto apto a ser utilizado ao bel-prazer do desejo materno. Na perversão não se estabelece uma organização de fantasias que permitam o reconhecimento do sujeito como sujeito desejante e como objeto de desejo; é somente como objeto-coisa que o perverso pode se reconhecer.

Estas considerações nos levam a investigar a dimensão de idealização, particularmente a dos pais ao bebê, tópico cuja análise poderá iluminar o que procuramos mostrar acerca da dominação materna e sobre a necessária coisificação do outro na perversão.

III.1.1 – A idealização/fascinação do objeto na perversão

Segundo Bleichmar (1985), o ego ideal é efeito do discurso desenvolvido pela paixão do enunciante em uma atitude de fascinação, semelhante à do êxtase religioso ou do sujeito enamorado que converte a pessoa amada em um ser ideal, cuja perfeição está

fora de qualquer discussão. A fascinação que edifica o ego ideal se refere à idealização de um determinado atributo que passa a constituir a totalidade da representação do sujeito. Neste sentido, quando Freud (1914/2006) nos fala da idealização dos pais a *sua majestade o bebê*, é justamente o atributo de filho que permite tal idealização: é por ser o filho que o sujeito é dotado de toda a perfeição.

É sob esse olhar fascinado que o ego ideal se constitui: “Em sua tendencialidade idealizante, o admirador incondicional que constrói o ego ideal é uma espécie de Rei Midas do narcisismo: tudo o que toca converte em atributo maravilhoso” (BLEICHMAR, 1985, p. 62). Essa idealização tem seu caráter constitutivo à medida que o processo de “narcisação” (BLEICHMAR, 1985, p. 93) supõe um modo de relação onde o outro significativo atribui valorização positiva ao sujeito, com a concomitante expressão de prazer com a qual este virá se identificar.

Como indicamos no capítulo anterior, é sobre uma base de prazer purificado que o ego ideal se constitui, sendo esta a condição de possibilidade para a efetivação do que Bleichmar (1985, p. 63) denomina “discurso totalizante”, ou seja aquele que corrobora e desenvolve uma tese gratificante para a afetividade do sujeito, sendo através desta corroboração que se constitui o ego ideal.

Este discurso é tributário do juízo totalizante, guiado pelo princípio do prazer, pois, como lembra Bleichmar (1985, p. 66), no artigo de Freud “Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental” (FREUD, 1911/2006) são discriminados dois tipos de juízos, um guiado pelo princípio de prazer e outro pelo princípio de realidade. É a partir deste último que chegamos ao que Freud designou “juízo imparcial” para indicar um tipo de julgamento da ideia a partir de seu contraste com algo que lhe é exterior – critério, então, para situá-la como verdadeira ou falsa.

Assinala Bleichmar (1985, p. 65) que é sempre em referência a “algo exterior” que se pode compreender o ideal do ego como uma exigência externa à qual o sujeito deverá se submeter. Em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914/2006, p. 100) nos diz que é pelas “admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico” que o sujeito é levado a projetar um ideal como substituto de seu “narcisismo perdido”, “quando ele era seu próprio ideal”.

O termo “admoestação” se refere à imposição de limites, condição de possibilidade para a atividade simbólica. Por sua vez, esta será a base para o julgamento crítico. Do mesmo modo, essas admoestações fazem parte de uma atividade crítica dos

pais que diz respeito à passagem do “discurso totalizante” ao “discurso discriminante”, o que vem romper a totalidade do ego ideal.

Trata-se de um discurso “em que cada atributo é examinado independentemente dos demais” (BLEICHMAR, 1985, p. 64). Este tipo de discurso diz respeito à castração simbólica, operação mediante a qual o filho poderá se discriminar em sua relação à mãe e ao pai. Segundo o autor, teria havido entendimento equivocado da castração simbólica segundo o qual ela determinaria que o filho deixasse de ser o preferido da mãe à medida que o pai retomaria este lugar. Não se trata exatamente disso, pois o filho poderá continuar a ocupar este lugar, desde que em seu caráter de filho – um aspecto de seu ser – assim como o fará o pai, em seu caráter de esposo – também apenas um aspecto de seu ser. Assim, rompe-se a unificação ilusória da mãe; ao discriminar o sujeito em seu lugar de filho na estrutura familiar a castração simbólica faz com que este deixe de ser o único, isto é, o que satisfaz a totalidade do desejo materno (BLEICHMAR, 1985, p. 68).

Cabe lembrar que tal totalidade era sustentada pela idealização de um atributo, sendo necessariamente uma totalidade parcial. O discurso discriminante vem revelar o engodo de tal totalidade. O fascínio, próprio de uma relação especular, é quebrado; o sujeito deixa de ser uma totalidade a serviço do desejo materno, posto que confrontado com a falta. Isto permite a delimitação de um espaço necessário para que a dimensão da alteridade venha a ser simbolizada. Em suma, a problemática da perversão diz respeito a um entrave na passagem do discurso totalizante ao discurso discriminante, ficando o sujeito refém da fascinação do objeto que o aprisiona em uma relação de tipo especular. Nesta, como vimos, o terceiro é desqualificado pela potência do desejo materno.

Chasseguet-Smirgel (1991) vem complementar o que temos desenvolvido aqui. Tomando como referência a alquimia e os rituais mágicos das seitas luciferinas da Idade Média, sustenta a autora que estas seriam uma ilustração da *hybris perversa*. A *hybris* consistiria, tanto daquilo que passa da medida, quanto daquilo que seria híbrido, misturado, portanto indiferenciado. A *hybris perversa* assinala, portanto, uma perspectiva de retorno à indiferenciação.

A busca do alquimista por uma matéria primordial “corresponde à ideia de um possível retorno a um estado de homogeneidade e de indiferenciação” (Chasseguet-Smirgel (1991, p. 232). Analogamente, nas seitas luciferinas, os “ritos de magia sexual” – onde o filho se une à mãe, o pai à filha, o irmão à irmã – seriam igualmente uma busca

à indiferenciação contraposta ao “princípio de separação³” divino. A *hybris* perversa seria a efetivação do desejo de roubar o poder de Deus para criar um mundo onde as diferenças são abolidas.

Roubar o poder de Deus é um efeito da nostalgia de retorno à fusão primária, mas tal nostalgia não seria privilégio das perversões: é o motor da projeção do ideal do ego que será o modelo às identificações. A distinção recai justamente na tentativa de roubar o poder de Deus, o que vem a ser compulsivamente atuado na perversão.

É no seguimento desta empreitada de encarnar a onipotência divina que a problemática da perversão encontra a da crueldade, a saber, como efeito da reivindicação deste poder soberano, e tendo, portanto, caráter secundário.

É este o ponto que iremos abordar na sequência do presente capítulo, com o objetivo de explorar a diferença entre estas duas problemáticas. Nossa proposta é justamente colocar em relevo a singularidade da crueldade, como manifestação clínica e, igualmente, a singularidade de seus fundamentos, distintos daqueles que estariam na base da perversão.

III.2 – A singularidade da crueldade: a marca da indiferença

Em “O discurso vivo” (1973/1982, p. 160-162), Green oferece uma teorização do lugar dos afetos nas estruturas clínicas, aspecto que nos interessa particularmente, em especial a distinção efetuada pelo autor entre perversão e psicopatia – duas estruturas cujos modos de funcionamento servirão como ilustração da distinção que pretendemos aqui explorar.

Segundo o autor, no caso da psicopatia⁴, a relação com os objetos segue a lógica da incorporação; a necessidade de reagir pelo ato é imperiosa, e este tem função de descarga econômica. O desprezo e a indiferença para com os objetos (indiferentes neles

³Tal princípio é demonstrado pela autora por meio de algumas passagens do Antigo Testamento: “Não juntarás animais de espécies diferentes. Não semearás no teu campo grãos de espécies diferentes. Não usarás roupas tecidas de duas espécies de fios. (...) Pois é do caos original que Deus organizará, dividirá: “(...) Deus separou a luz das trevas (...)”. “(...) Deus disse: faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele uma das outras”. “Deus fez o firmamento, e separou as águas que estão debaixo do firmamento daquelas que estão por cima (...)”, etc... (Chasseguet-Smirgel, 1991, p. 220).

⁴ Embora o autor faça referência à psicopatia, nosso interesse repousa na descrição de seu modo de funcionamento, o qual nos parece convergir com nossa proposta acerca da singularidade da crueldade. De tal maneira, não temos a intenção de discutir ou realizar uma aproximação entre entidades nosológicas psiquiátricas e a crueldade.

mesmos) predominam, e isso se dá numa relação que o autor descreve como *consumidora*. A linha que os vincula ao objeto é rompida e

lançando-se de “corpo e alma” no ato, eles devoram os objetos que se encontram no campo onde vieram lançar-se. Tem-se a impressão de que o importante para estes pacientes é não deixar que os afetos relacionados com esta situação se encadeiem, e esgotá-los de uma vez só pelo ato (GREEN, 1973/1982, p. 161).

Afirma o autor que, nestes casos, a passagem ao ato é uma forma de desinvestimento da realidade psíquica, o que nos aproxima da ideia de recusa radical do objeto sob a lógica da oralidade, ilustrada pelo “gostaria de cuspi-lo fora” – conforme desenvolvemos no capítulo anterior desta dissertação. Não há aqui nenhuma ligação afetiva com os objetos, os quais são tomados na indiferença. Estamos propriamente no terreno da crueldade, onde a destruição do objeto é realizada sem prazer ou qualquer resíduo de identificação.

Segundo esta visão, o psicopata se distingue claramente do perverso, para o qual o outro seria elemento imprescindível na elaboração de sua fantasia. Green (1973/1982 p. 161) acrescenta que a realização do *acting* perverso requer montagem comparável a uma representação cênica, onde a fantasia é elaborada de um modo em que o perverso deverá dominar totalmente a situação.

Tendo em mente a noção de objetualização de Green, podemos pensar que a dominação é o seu objeto e a desobjetualização do outro, necessariamente desqualificado no cenário perverso, serve ao investimento da fantasia que sustenta a onipotência perversa. Sobre este ponto, Bleichmar (1985, p. 39) nos oferece outras contribuições que vêm convergir com o que estamos propondo. O autor pontua que no sadismo a vítima é o objeto da atividade narcisista do sádico e, a despeito da notória desqualificação que faz dela, ele não pode dela prescindir.

Na perversão, o modo de relação em jogo seria o mesmo do existente entre o caçador e sua presa, relação na qual esta é um objeto da atividade narcisista da caçada. No ato de agredir para capturar a presa, antecipa-se o prazer do momento da ingestão: o futuro carrega o presente, *unindo-se dois conjuntos de representações: a de estar destruindo e a de estar saboreando o alimento*. Ao tensionar seus músculos e preparar suas garras, a fera delicia-se perante a presença da presa, adquirindo a agressão uma gratificação que lhe outorga o erotismo (BLEICHMAR, 1985, p. 74).

É justamente essa dimensão de erotismo que faltaria ao psicopata cuja passagem ao ato segue um modo de funcionamento do tipo tudo ou nada, que visa a um despejo econômico de tensões. Neste sentido, Green traça uma comparação interessante entre

estas duas estruturas, sugerindo que a diferença entre o perverso e o psicopata seria comparável àquela existente entre o *gourmet* e o guloso: enquanto o primeiro degusta, o segundo devora (GREEN, 1973/1982, p. 161).

No nosso entender, a descrição proposta por Green do modo de funcionamento psíquico na psicopatia parece comportar as condições para a manifestação mais pura da crueldade, a saber, a aniquilação do objeto atravessada pela indiferença. Já na perversão, como mostramos, é a dominação do objeto que parece estar em questão, sendo a aniquilação algo já secundário. Exploremos, então, com maior atenção e detalhamento, a questão da crueldade e sua relação com essa indiferença que vai no sentido da aniquilação do objeto.

III.3 – A aniquilação do objeto: a crueldade no registro do atual

Encontramos ilustração de um modo de funcionamento psíquico e na relação de objeto centrada na indiferença radical – própria, em nossa visão, da crueldade – nos casos de *serial killers*, tal como foram descritos por Zagury (2002). Esses sujeitos matam sem ódio, sob o domínio da indiferença, sendo a “função mesma do agir criminoso a negação de toda alteridade e existência do objeto”. “Odiar a vítima é aceitar sua alteridade, suas necessidades próprias, sua traição e o sofrimento por ela certa vez ocasionado” (ZAGURY, 2002, p. 1202-1203. Tradução nossa). Ou seja, o ódio por si só já assinala uma ligação ao objeto que, neste caso, traz em seu corolário o fato de que esse objeto é uma parte alienada de si mesmo, clivada, o que abre as portas a um “abismo de desligamento” (ZAGURY, 2002, p. 1202-1203. Tradução nossa).

Se a dominação perversa segue uma lógica totalizante guiada pelo princípio de prazer, estamos aqui em um registro mais elementar, tendo em vista que, após os assassinatos, a sensação descrita pelos sujeitos é de “apaziguamento de tensões e alívio”. Isto aponta para uma forma de destrutividade em que o prazer não está em jogo e a descrição do que é sentido após os crimes em nada se aproxima do “orgasmo”, mas sim de um “espasmo psíquico”: o que se impõe aqui é a aniquilação do outro (ZAGURY, 2002, p. 1201). Esta negação afetiva e a descrição de “alívio” são relacionadas pelo autor à indiferença “puramente narcísica”, tal como descrita por Freud em “Os instintos e suas vicissitudes” – como mostramos em outro capítulo – onde ela se

enquadraria “como um caso especial de ódio ou desagrado, após ter aparecido inicialmente como seu precursor” (1915/2006, p. 141).

Neste contexto, é válido salientarmos que a indiferença do ego-prazer trata como estranho o que lhe é contrário, e que o ego-prazer “Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil” (FREUD, 1915/2006, p. 141) Vimos anteriormente com Green (1986/2010, p. 292) que esta projeção ao mundo externo do ego prazer se refere a uma expulsão sem direção, própria a uma força pulsional em busca de sentido. A negação afetiva descrita por Zagury assinala, no nosso entender, uma impossibilidade de sair da indiferença, já que o que foi isolado não encontra caminho para a projeção e se cristaliza como clivagem.

A radicalidade desta clivagem nos conduz à hipótese de Borges e Cardoso (2007) que, em seu artigo “Clivagem mortífera e guardião de Eros”, entendem-na como radical recurso funcional de sobrevivência psíquica ante a vivência de uma experiência traumática. Mostram que em determinados casos seria necessário “matar” um pedaço de si para se sobreviver psiquicamente. Este seria um trabalho ativo e radical de autoconservação da vida psíquica.

Acrescenta Zagury (2002) que as passagens ao ato mortíferas seriam uma defesa contra a invasão pulsional que ameaça aniquilar a vida psíquica do sujeito; neste caso é matar para não morrer. A cristalização do funcionamento psíquico sob este modo arcaico estaria na base, por exemplo, do maniqueísmo feroz que domina o discurso dos *serial killers* (2002, p. 1198). A partir de uma lógica do tipo tudo ou nada, a realidade é descrita a partir do bem e do mal, de deus e do diabo, de vida e morte, o que, de acordo com o autor, representa um esforço para trazer alguma ordem ao caos, levantar defesas contra a invasão pulsional, reflexo de uma alteridade traumática clivada.

Levando em conta nossas formulações anteriores, consideramos que seria no momento de consolidação do ego-prazer que poderíamos situar a base traumática do possível aprisionamento de um sujeito em um estado de indiferença cruel nas suas relações objetais. Trata-se de um estado de indiferença do qual o sujeito teria sido, de alguma forma, vítima. Concordamos com Mijolla-Mellor (2005, p. 20) quando afirma que é na indiferença materna que se pode encontrar a figura emblemática da crueldade, sublinhando a recusa da mãe em estender seu narcisismo à criança, colocando assim em xeque a sobrevivência psíquica dessa criança.

Deste modo, explorar a questão da indiferença materna revela-se um caminho frutífero para melhor compreendermos o caráter traumático subjacente aos atos de

crueledade. Para tal, contaremos com as contribuições de Moraes e Macedo (2011), que em seu livro *Vivência de indiferença – do trauma ao ato-dor*, exploram a ideia de como a instauração do traumático poderia estar articulada com a dimensão de uma indiferença, como vivido experimentado no primeiro encontro com o semelhante.

III. 3.1 – A indiferença materna como figura emblemática da crueldade.

No capítulo II ressaltamos a importância da vivência de satisfação para que a força pulsional encontre sentido e se converta em investimento significativo. Trata-se da transformação do que antes era pura força em um circuito pulsional, orientado a se satisfazer no encontro com os objetos. Moraes e Macedo (2011) consideram a “vivência de indiferença” como sendo justamente o negativo da “vivência de satisfação”. Na “vivência de indiferença”, o outro oferece à criança apenas sua indiferença, entendida como violência psíquica imposta à criança por parte do adulto em um tempo primordial de estruturação do psiquismo (MORAES & MACEDO, 2011, p. 42).

O investimento afetivo, mola propulsora de um trabalho de ligação e interpretação daquilo que ataca internamente, não tem lugar nesse cenário de indiferença. O efeito da “experiência de indiferença” é a captura em uma situação de desamparo e vigência de intensidades. O outro, nesse cenário de indiferença, evidencia um prejuízo próprio de sua capacidade afetiva, ele não *afeta* psiquicamente a criança de modo a lhe oferecer subsídios para que ela possa empreender um trabalho de ligação e de atribuição de sentido àquilo que a ataca por dentro (MORAES & MACEDO, 2011, p. 43-46).

Destacamos que a saída da indiferença da fase “puramente narcísica” só é possível quando as intensidades expulsas encontram sentido e, para que isso ocorra, a implicação do outro é fundamental. Cabe a ele oferecer-se como superfície projetiva onde o sujeito poderá ver-se refletido em seu olhar fascinado, sendo por meio deste olhar que o ego se edificará. O outro está necessariamente implicado nas experiências de satisfação, sendo através de suas expressões de prazer que tais experiências ganham sentido.

Na vivência de indiferença, o olhar fascinado dá lugar ao olhar indiferente e, segundo Moraes e Macedo (2011, p. 50), não haveria aí nenhum resquício de sedução ou encantamento com a presença da diferença do outro, mas sim recusa dessa diferença.

Trata-se de uma dinâmica traumática, que concerne à exclusão do campo da percepção e desejo da parte de um outro, que imprime a ferro e fogo a marca do excesso. Atualiza-se, assim, repetidas vezes, o dano psíquico decorrente da usurpação do próprio direito de existir, aqui constantemente ameaçado.

A partir das contribuições de Green (1973/1982), havíamos indicado anteriormente que é através do outro que a sensação e o ordenamento se solidarizam para dar um sentido à pulsão. Propondo teorização semelhante, Moraes e Macedo (2011, p. 46) falam da sensação como “sentir uma ação”, a qual seria fonte de uma energia psíquica que poderá ser metabolizada e enriquecer o psiquismo, ou permanecer no estado de “desligada”, aparecendo como dor psíquica. No cenário de indiferença, esta energia permanece desligada, impondo ao sujeito, como recurso-limite, a sua evacuação naquilo que as autoras denominam *ato-dor*.

Ao condenar o psiquismo a uma repetição do excesso experimentado, a indiferença encontra no ato uma via privilegiada de articulação de intensidades. O *ato-dor* dá conta de uma modalidade evacuativa de intensidades associada ao efeito da indiferença experimentada, ou seja, trata-se de uma modalidade de ato que se dá sob o regime da indiferença. As fraturas nas relações com os objetos, a desconfiança, o temor, a intolerância, o ataque, e o ressentimento atualizados não deixam dúvida quanto à qualidade do que foi experimentado subjetivamente (MORAES & MACEDO, 2011, p. 48).

A expressão de dor psíquica, decorrente desta matriz de excesso, se atualiza via impossibilidade de aceitar o que representa a alteridade, pois “se o outro no encontro inaugural, na vigência da instabilidade e das ambiguidades deixa o Eu à mercê de intensidades, os desdobramentos de tal experiência atualizam uma suscetibilidade extrema àquilo que a presença do outro aporta ao eu” (MORAES & MACEDO, 2011, p. 46).

O ato-dor seria uma resposta a um traumático, apontando não somente para um regime além do princípio de prazer, mas especialmente para um aquém do processo de representação (MORAES & MACEDO, 2011, p. 50). Neste ponto, é válido lembrar o que dizíamos anteriormente acerca da instauração da série prazer/desprazer como princípio de simbolização primária, pois a passagem ao ato sob o regime da indiferença pressupõe falhas na simbolização primária do outro, cuja presença traz uma ameaça à existência do sujeito.

Para ilustrar o que procuramos mostrar até aqui, apresentamos, a seguir, uma análise da “vivência de indiferença”, que vai ao encontro da nossa hipótese segundo a qual aos atos de crueldade subjaz uma matriz de intensidades forjada na indiferença materna. Exploraremos o material relatado no livro *Precisamos falar sobre o Kevin*, romance de Lionel Shriver, publicado em 2003. O livro se tornou um *best-seller*, vindo a ganhar uma adaptação cinematográfica em 2011.

O romance relata um massacre escolar fictício executado por Kevin, um garoto de 16 anos, segundo a perspectiva de sua mãe que, em uma série de cartas ao seu ex-marido, faz uma retrospectiva do lugar que Kevin ocupa em sua história familiar. Ela tenta, assim, elaborar o que se passou para tentar chegar a uma “explicação” de tal tragédia. É da narrativa a partir dessas cartas que o livro é composto. Na elaboração de Eva, vemos a indiferença como protagonista na sua relação com Kevin, de modo que tal história nos pareceu especialmente rica para ilustrarmos a “vivência de indiferença”.

III.4 – O caso Kevin

III.4.1 – A pré-história de Kevin

A personagem principal, Eva Katchadorian, é uma empresária bem-sucedida na área de turismo. Ela é casada com Franklin, e se considera bem situada no casamento e na profissão, o que lhe possibilita trabalhar viajando pelo mundo. Franklin, por sua vez, não esconde o desejo de uma vida mais serena e familiar com Eva, que manifesta plena rejeição à possibilidade de ter filhos, função a que ela se refere friamente como “procriar”.

Para ela, quando o “assunto era procriar”, tratava logo de jogar água fria na “fervura da procriação” alegando que “uma criança significava barulho, sujeira e ingratidão”. De fato, dizia ter verdadeiro pavor em ter um filho; além disso, procriar seria saldar uma dívida da qual se poderia esquivar, sendo melhor dela escapar impune e furtivamente (SHRIVER, 2010, p. 30).

Ainda que o livro não traga muitos elementos a respeito da própria história de vida de Eva, aparecem alguns elementos da história de seus ancestrais que nos

pareceram significativos, tanto para a sua recusa a engravidar quanto ao futuro processo de subjetivação de Kevin. Descendente de armênios, um povo vítima de sucessivos genocídios, ela insiste que Kevin tenha o seu sobrenome, para dar continuidade a um povo à beira da extinção. De fato, a marca destes genocídios faz parte da história familiar de Eva que, ao relembrar a discussão sobre o por que Kevin deveria ter o seu sobrenome, dizia que:

(...) Meu pai nasceu no campo de concentração de Dier-ez-Zor. Os campos eram infestados de doenças e os armênios mal tinham o que comer, nem mesmo água para beber — foi um espanto ele ter sobrevivido, porque seus três irmãos não aguentaram. O pai do meu pai, Selim, foi fuzilado. Dois terços da família da minha mãe, os Serafians, foram obliterados tão completamente que não sobrou nem mesmo a história deles. (...) Meus antepassados foram sistematicamente exterminados e ninguém nunca fala sobre isso, Franklin! (SHRIVER, 2010, p. 106-107).

Embora o romance não nos ofereça muitas informações acerca da relação de Eva com sua mãe, nos parece que sua recusa a saldar a “dívida da procriação”, e sua posterior insistência para que Kevin carregue o sobrenome de sua família, marcada pela aniquilação, são elementos importantes para a indiferença radical com que Kevin virá a ser concebido.

III.4.2 – A gravidez

É inicialmente com ambivalência e certa indiferença que Eva se dispõe a tentar engravidar. Nas cartas a Franklin ela diz perceber que a questão dizia muito mais respeito ao desejo dele de ter um filho, pois ela realmente nunca o quis, lembrando, inclusive, quando – após a primeira relação sexual sem método contraceptivo – disse que era “muito perigoso”, pois, “de fato, praticamente qualquer estranho poderia ter aparecido dali a nove meses” (SHRIVER, 2010, p. 89-90).

Ao surgir a dúvida quanto à possibilidade de estar grávida, Eva faz o teste e quando Franklin se oferece para acompanhá-la diz que não estaria indo fazer um teste de câncer ou algo parecido – o que, retrospectivamente, ela atribui valor significativo: a alusão ao câncer (SHRIVER, 2010, p. 92).

Ao se descobrir grávida, Eva pensa em abortar. Tal como um câncer, Kevin deveria ser extirpado, o que só não ocorre pela rígida oposição de Franklin. Assim, o “desafortunado filho” consegue sobreviver “ao clima inóspito de seu útero retesado e relutante” (SHRIVER, 2010, p. 126). A hostilidade do útero de Eva se coaduna com

suas fantasias da gravidez, associada a determinados filmes que a retratam como uma “infestação, colonização sub-reptícia”:

Em *Alien*, um extraterrestre nojento sai da barriga de John Hurt. Em *Mimic*, uma mulher dá à luz um verme de sessenta centímetros. Mais tarde, o *Arquivo X* banalizou as cenas de alienígenas de olhos esbugalhados explodindo nauseabundamente da barriga de seres humanos. Nos filmes de horror ou de ficção científica, o anfitrião é consumido ou despedaçado, reduzido a uma casca ou resíduo para que alguma criatura de pesadelo possa sobreviver (SHRIVER, 2010, p. 104).

É essa a fantasia que acompanhará a gravidez de Eva, que segue na carta dizendo: “qualquer mulher cujos dentes tenham apodrecido, cujos ossos tenham perdido massa, cuja pele tenha ficado marcada, sabe o alto preço que tem de pagar por levar um sanguessuga durante nove meses dentro da barriga”. Durante a gravidez, as qualidades atribuídas a Kevin são todas desumanizadas: um “Alien”, um sanguessuga. Nunca é como semelhante que o bebê de Eva é qualificado por ela: a indiferença está aí em ação já no sentido da recusa inicial de uma diferença cujo confronto é, para Eva, da ordem do horror (SHRIVER, 2010, p. 104).

Como temos sublinhado em nossa pesquisa, o processo da constituição narcísica é mediado pelo objeto, sendo este o operador da nova ação psíquica. A qualidade desta ação depende, portanto, da disponibilidade do objeto em estender seu narcisismo ao sujeito, supondo que haja desejo suficiente para a que a fascinação dos pais a *sua majestade o bebê* possa edificar seu ego ideal. Para que o bebê ocupe esta posição deve haver um “trono” esperando-o. No caso de Kevin não havia nada dessa ordem, mas horror e recusa: primeiro, à ideia de “procriar” e, posteriormente, à fantasia materna de carregar um “sanguessuga” dentro de si.

O processo de maturação do “feto Kevin” se dará sob a égide da recusa de Eva, que, durante todo o tempo em que esteve grávida, dizia ter combatido a ideia da existência de Kevin. Isto é notório, por exemplo, na negligência dela aos cuidados durante a gravidez, totalmente desconsiderados. A ideia de carregar uma outra pessoa em si – não sendo mais apenas Eva, mas Eva e Kevin – era por demais absurda. Na gravidez, ela sempre se considerou Eva, individualmente, fazendo sempre questão de se referir a si própria desta forma: Eu, Eva; jamais nós, Eva e Kevin. O cenário da indiferença estava preparado para receber Kevin.

III.4.3 – O nascimento e desenvolvimento de Kevin

O parto de Kevin foi muito difícil e, ao sentir as dores do parto, Eva resistia à concepção. Ao lembrar dos conselhos que recebeu em um curso para grávidas – a respeito da dor como um sinal salutar no processo de parto – pensa na “idiotice” dessa afirmação. Na carta, lemos: “Dor, uma coisa boa? Fui tomada por um sentimento de desprezo. Na verdade, nunca lhe contei isso, mas a emoção a que me prendi para poder ir além de um limiar crítico foi aversão”. Podemos pensar que esta aversão pré-existente se intensifica pelas dores do parto, além de ser o “sanguessuga Kevin”, ainda a obrigava a passar por momentos de muita dor (SHRIVER, 2010, p. 134).

No momento em que a médica depositou Kevin em seu colo, Eva esperava ver despertar em si as emoções que tanto escutara a respeito da maternidade – de que mesmo as pessoas que não gostam de bebês são impactadas ao ver seu filho pela primeira vez. Entretanto, na sua descrição daquele momento, nada do colorido afetivo relativo ao imaginário da maternidade entra em cena. Relatando o vivido ao marido, diz:

Franklin, eu me senti... ausente. Continuei vasculhando dentro de mim, atrás daquela emoção indescritível, mais ou menos como alguém que revira uma gaveta de talheres atrás do descascador de batata, mas por mais que eu revirasse e chacoalhasse, não obstante o que eu tirasse do caminho, a emoção não estava ali (SHRIVER, 2010, p. 143).

Em nosso entendimento, a “vivência de indiferença” de Kevin tem início desde o primeiro contato com a mãe, cuja relação afetiva com o seu bebê pode ser qualificada sob o signo do negativo, como um estado de não afeto, de radical indiferença. De fato, é assim que se seguirá todo o desenvolvimento de Kevin, sob a indiferença de uma mãe incapaz de acolher seu bebê. Ao abordar retrospectivamente a história vivida com o filho, Eva atribui todas as dificuldades no trato com o bebê Kevin a uma pré-determinação existencial dele, que nunca teria desejado ter sido concebido, o que naturalmente explica a sua total aversão a estar neste mundo, na compreensão que Eva tem dele: “Talvez tenha até guardado vestígios de uma memória espiritual, de tempos pré-concepção; Kevin sentia muito mais falta do *nada glorioso* do que do meu útero” (SHRIVER, 2010, p. 159 Grifo nosso)

Concordamos com Eva quanto à pré-determinação existencial de Kevin, mas num sentido bem distinto daquele que ela procura sustentar. Se o sentimento de existência é tributário do investimento afetivo dos pais através da “narcisação” do bebê pela projeção do seu narcisismo, a indiferença de Eva revela aqui a projeção de um narcisismo negativo, o que torna compreensível a aspiração de Kevin ao “nada glorioso”. Vimos com Green (1988d; 1990) que o narcisismo positivo é tributário da função objetalizante, de modo que o próprio ego se constitui através da objetalização,

pois a operação do narcisismo implica justamente o ego se oferecer ao Id como objeto, como substituto do objeto primário: “Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto”. (FREUD, 1923/2006, p. 43) Por outro lado, a desobjetalização ataca a relação com o objeto através do desinvestimento, entrando em ação cada vez que o sujeito realiza, diante do objeto, uma desqualificação de sua própria singularidade.

Pensamos que esta desqualificação pode ser radicalizada até tornar-se expressão de crueldade, quando, por exemplo, o outro é despojado de sua identidade humana, declarado estrangeiro absoluto. Isto nos parece estar de acordo com as fantasias de Eva em torno da gravidez de Kevin – primeiramente identificado a um câncer a ser extirpado, e depois a um “*Alien*”...

Esta violência extrema sofrida por Kevin se expressa já através de seu choro, que Eva qualifica como suposta destrutividade dele: “ele atira a voz como uma arma, uivos atingindo as paredes do nosso *loft* como um taco de beisebol destruindo um abrigo de ônibus” (SHRIVER, 2010, p. 158). Neste ponto, uma cena do filme (PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN, de Lynne Ramsay, 2011) ilustra muito bem a violência extrema da relação de indiferença de Eva para com o choro de Kevin: Eva sai pela rua com seu filho em seu carrinho de bebê; ele não para de chorar e, ao passarem por uma obra em que um homem trabalha com uma britadeira, ela se detém ao lado – o barulho ensurdecedor da britadeira sendo um alívio ante o choro insuportável de Kevin.

No entanto, é nas palavras dirigidas a Kevin que o laço entre crueldade e indiferença torna-se evidente, coisas como:

Qual é o problema com você, seu merdinha? Está satisfeito, agora que arruinou a vida da mamãe? “A mamãe era feliz antes que o Kevin mijão viesse ao mundo, você sabia disso? E agora a mamãe acorda todo dia querendo estar na França. A vida da mamãe agora é uma droga, você não acha que a vida da mamãe é uma droga? Você sabia que em certos dias a mamãe preferia estar morta? Para não escutar você guinchar nem mais um minuto (SHRIVER, 2010, p. 184-185).

Cavalcante (2005) nos fala do “manhês” como um modo de comunicação mãe-bebê que estaria intimamente articulado com a instauração da especularidade. A mãe fala pelo bebê de modo infantil e carinhoso, de acordo com a fascinação que este lhe desperta, fundamento de seu ego ideal. E, de que maneira poderíamos qualificar a comunicação de Eva com Kevin? Indo mais além, como podemos pensar o narcisismo de Kevin, sua *nova ação psíquica*, neste estado de coisas? Parece-nos que a violência da indiferença de Eva constitui um modo singular do que foi denominado “lado negativo das relações” por Winnicott (1971/1975), narcisismo negativo por Green

(1988a; 1988c; 1988d; 1990), e “vivência de indiferença” por Moraes e Macedo (2011). A negatização de Kevin diz respeito a uma indiferença que configura violência extrema. As atitudes de Eva comportam caráter destrutivo radical em que a relação entre indiferença e crueldade é absolutamente evidente.

A indiferença de Eva é da ordem da aniquilação, sendo a identificação primária de Kevin marcada por esta indiferença cruel, matriz de uma alteridade clivada, que ameaça a sua existência. Esta negatividade vai perpassar todo o processo de desenvolvimento dele; por exemplo, as suas primeiras “brincadeiras” consistem em jogar todos os brinquedos para fora do cercado e depois berrar até tê-los de volta somente para atirá-los com força novamente (SHRIVER, 2010, p. 180).

Aqui podemos pensar no jogo do *fort-da*, onde a ausência da mãe é elaborada pela brincadeira de jogar o carretel longe emitindo um longo e arrastado ‘o-o-o-o’ (*fort/foi*), para depois puxá-lo de volta saudando seu reaparecimento com um alegre ‘da’ (ali). Este jogo era, no caso, realizado repetidamente com contentamento, cujo ápice é o momento do retorno do carretel. Enquanto o contentamento nesse jogo se referia à constatação da presença do objeto, o “O-O-O-O” – que era como que afirmar, “olha, o objeto está aqui”. O alívio de Kevin era o de jogar os brinquedos para longe, expulsá-los, dizer não. Esta ”brincadeira” de Kevin nos remete imediatamente ao modo de funcionamento das mais antigas pulsões orais, ilustradas pelo “gostaria de cuspi-lo fora”. Não há aqui um exercício de simbolização marcado pelo jogo de presença-ausência ou um exercício de dominação: o objetivo desta atividade é puramente jogar os objetos o mais longe possível.

A negação marcante no jogo de Kevin se insere na sua aquisição da linguagem, ao começar a falar começa pela palavra “Num”, e suas sentenças serão todas negativas: “Num gosta”, “Num quer” e quando Eva lhe pergunta se ele sabe dizer “mamãe” a resposta é “Num”. De fato, ao começar a falar de modo compulsivamente negativo Kevin só estabelece diálogos com a mãe sempre dizendo não.

Assim, Eva diz que no “discurso filial” pôde tomar conhecimento de que ele “num” gostava de arroz-doce, [...] que ele “num” gostava dos livros do Dr. Seuss, que ele “num” gostava dos discos com historinhas musicadas que ela tirava da biblioteca: “Kevin tinha um vocabulário especializado; era um gênio com palavras começadas por n”. De fato, ao começar a falar surge logo uma fase onde ele repete “Nãã, nã-nã. Nããã-nãã-nã. Nã-nã” compulsivamente (SHRIVER, 2010, p. 199-201).

Ao nos falar dos fenômenos transicionais, Winnicott (1971/1975) destaca que o brincar seria a evolução natural do uso que os bebês fazem dos objetos e fenômenos transicionais, sendo uma atividade onde a criança pode projetar os conteúdos de seu mundo interno ao externo. As palavras podem, igualmente, ocupar esta função e, desse modo, o bebê começa a repetir uma palavra que se configura como um fenômeno transicional. As brincadeiras e as palavras privilegiadas por Kevin nos permitem vislumbrar o forte traço negativo que habita o seu psiquismo, reflexo da incorporação da indiferença extrema de Eva.

III. 4.4 – A crueldade de Eva atualizada em Kevin

Neste ponto somos remetidos a uma das formulações de Cupa (2012a) acerca do que ela denomina “crueldade originária”. Diz a autora que a destrutividade cruel se origina no “não” ao exterior – “não” ao objeto que não lhe oferece plena satisfação – mas que este “não” pode tomar o aspecto de um “não” sem fim, o “não” da compulsão à repetição, em que o psiquismo está arranhado como um disco. Em nossa compreensão, este “não” originário parece ter plena referência à crueldade da indiferença de Eva, a qual faz tudo para se ver desligada de Kevin, que é compulsivamente negado por ela.

Cabe ainda retomar o que Green (1988b) afirmou sobre a necessária expulsão do mau para a criação de um espaço interno no qual o ego, como organização, emergirá. Neste momento, tudo aquilo que não for ligado pelo ego na incorporação primitiva dando origem ao “Ego-prazer purificado”, este Eros subjetivado, pende para o lado da pulsão de morte sob a forma de um desligamento primordial.

A força deste Eros subjetivado será propulsora das futuras ligações garantidoras da função objetualizante. Inversamente, o desligamento primordial será a força que porá em ação a função desobjetualizante. Como pontuam Moraes e Macedo (2011), de acordo com o que indicamos, no cenário de indiferença há o predomínio do “desligado”. O sujeito incorpora o que é vivido nos moldes da indiferença que, desta maneira, se cristaliza como núcleo traumático submetido à compulsão à repetição.

A ideia de desligamento primordial cuja força estaria alicerçada nas vivências traumáticas iniciais nos permite compreender como a indiferença cruel de Eva virá a se atualizar em Kevin. A crueldade que atravessa as suas relações intersubjetivas vai no sentido de uma desobjetualização feroz, tal como a indiferença cruel proposta por Cupa

(2012a), onde a perspectiva é a de se desligar totalmente do outro, implicando um profundo desinvestimento afetivo na busca de “anestesia psíquica”.

O mundo interno de Kevin era um deserto afetivo, o que para Eva era um “enigma crônico”, pois como “punir um menino com uma indiferença quase zen a qualquer coisa que se pudesse pensar em lhe negar”? (SHRIVER, 2010, p. 222). No entanto, Eva encontra uma resposta pertinente para este enigma. Segundo ela, muito cedo Kevin começara a intuir que o apego o tornava vulnerável, pois qualquer coisa que ele pudesse querer também era algo que ela poderia negar, sendo o menor desejo uma desvantagem (SHRIVER, 2010, p. 262).

As palavras de Eva fazem eco às de Mijolla-Mellor (2005) e Cupa (2012a, p. 1027). Como mostramos, a primeira nos diz que a crueldade originária pode ser encontrada na relação assimétrica entre a mãe e o seu bebê, pois se é do poder da mãe responder ao choro, é também seu poder ignorá-lo. Por sua vez, Cupa considera que a crueldade seria uma resposta relativa à indiferença narcísica de um sujeito em busca de um estado onde toda tensão deve ser abolida para a afirmação de um fantasma de invulnerabilidade, em uma perspectiva de autoengendramento, reflexo do narcisismo negativo.

A crueldade de Kevin vai se voltar para tudo aquilo que implica alguma ligação com o outro, atacando todos os objetos revestidos de afeto. Ele destrói o *caftan* predileto da mãe, os pôsteres e cartões postais colados na parede de seu quarto, aos quais se referia como “especiais”, os cartões de Natal feitos pela sua avó, o jogo de chá levado à escola por uma coleguinha, objetos ligados de uma forma ou de outra a uma herança familiar – até chegar ao massacre escolar.

Conforme destacará Eva, não houve nada aleatório nas dez vítimas escolhidas por Kevin: cada uma delas se destacava por nutrir uma forte paixão por alguma coisa, a qual lhes acalentava o sonho de se tornar ator e diretor de cinema, um grande esportista, um gênio da informática, etc. Outro ponto é que todos eles eram favoritos de algum professor e iriam receber uma premiação, pois teriam se destacado em algo que era objeto de paixão (SHIVERS, 2010, p. 431-433; 648-649).

Vimos com Zagury (2002), no exemplo de assassinatos cometidos sem ódio, que a função do agir criminal e cruel é a negação de toda alteridade e existência do objeto. O afeto, tal como o de ódio, constitui uma ameaça para determinados sujeitos, uma vez que é um reflexo da alteridade, pois assinala uma ligação com o objeto. Moraes e Macedo (2011) nos falavam do ato-dor como expressão de dor psíquica, uma resposta

decorrente de uma matriz de excesso que se atualiza pela via do ato na impossibilidade do encontro com a alteridade do outro. Também relembramos aqui, para concluir nossa dissertação, que a série prazer/desprazer funciona como princípio de simbolização primária que coloca a experiência afetiva como meio de simbolização primária da alteridade.

Os atos de crueldade de Kevin configuram-se como indiferença narcísica radical ao outro, na busca de uma espécie de anestesia psíquica a qual pressupõe a negação da alteridade. A destruição de tudo aquilo que remete a uma ligação afetiva reflete a impossível tarefa de metabolizar uma alteridade interna extrema que se manteve clivada no psiquismo, e que virá a ser compulsivamente negada pela via do ato: *ato-cruel*.

As raízes da crueldade estão fortemente referidas a uma vivência traumática, expressão de um modo de funcionamento psíquico arcaico que implica a negação absoluta do outro. Sua atualização se dá na reprodução de uma violência extrema que teria sido vivida nesse primeiro contato com a alteridade, uma violência sob o manto da indiferença.

Considerações finais

Após o trabalho realizado nesses três capítulos, chega o momento de analisar retrospectivamente a elaboração das questões fundamentais envolvidas nesta pesquisa de Mestrado. Nosso interesse inicial pela temática da crueldade encontrou encaminhamento nas leituras da obra de Nietzsche. Desejávamos então aprofundar, a partir das ferramentas teóricas da Psicanálise, a perspectiva da crueldade que aquele pensador nos ofereceu.

A crueldade, entendida como negação do outro em benefício da afirmação de si encontra ressonâncias claras no pensamento freudiano, especialmente se levarmos em consideração dois momentos: 1) a vinculação entre crueldade, domínio e indiferença, contida nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1905/2006); 2) a indiferença em relação ao mundo externo do ego-prazer como elemento constitutivo do narcisismo, enunciada em “Os instintos e suas vicissitudes” (FREUD, 1915/2006).

A dimensão do domínio ocupou a primeira etapa de nossa pesquisa. A importância dessa dimensão demandava uma análise para que pudéssemos balizar a sua relação com a crueldade. Vimos que o domínio diz respeito, sobretudo, à polaridade atividade-passividade e se faz evidente no sadismo, sendo através dele que a crueldade e o domínio foram relacionados inicialmente na obra de Freud. O sadismo configura o exercício de dominação sobre o outro, autonomizada e exagerada, onde as humilhações e a dor a ele infligidas foram caracterizadas, dentre outros aspectos, como “prazer na crueldade”.

Porém, ao fazer alusão a uma fase preliminar do sadismo – alicerçada na pulsão de dominação – a partir dos esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros, Freud destaca que o tornar-se ativo em uma situação, no sentido de dela assenhorear-se, é a perspectiva essencial do domínio.

Esta fase preliminar está vinculada ao modo de satisfação autoerótico, que se revela como atividade primordial para o domínio de si: o fato de a criança utilizar-se do seu próprio corpo – porque isso lhe é mais cômodo e a torna independente do mundo externo que ela ainda não consegue dominar – dá mostras da importância desta modalidade de satisfação para a apropriação de si. Trata-se de um movimento de assenhorear-se das experiências vividas passivamente com o objeto, sendo por meio desse movimento que a criança pode se fazer objeto de si mesma.

Nestas condições, a relação com o objeto externo é atravessada pela indiferença; o objeto está lá, presente na atividade autoerótica que o toma para si, mas essa apropriação pressupõe a sua destruição em uma relação onde ele é incorporado. De acordo com o postulado freudiano, a saber, de que a indiferença selaria a crueldade, esta forma de relação objetual nos pareceu ser a que mais se identifica com aquela que estaria na base nos atos de crueldade.

A partir deste ponto, foi possível perceber que o modo de funcionamento que orienta a relação de objeto no sadismo não é centrado na indiferença, mas na dominação e no ódio, o que nos levou a questionar a sua vinculação com a crueldade. Exploramos as lógicas que norteiam as relações de objeto nas fases oral e anal com o objetivo de realizar uma primeira distinção das lógicas privilegiadas no sadismo e na crueldade.

A crueldade teria seus fundamentos na indiferença em relação ao objeto em um momento descrito por Freud (1915/2006) como “narcisismo primordial”, quando a libido é voltada, de modo autoerótico, para si. O objeto é aqui negado à medida que é incorporado, sendo esta forma arcaica de amor compatível com a abolição da existência separada do objeto. Os fundamentos do sadismo, por sua vez, diriam respeito ao momento da realização da existência separada do objeto. Trata-se de uma operação que agencia os limites do ego: o objeto se distancia, torna-se odioso, e engendra um movimento que aparece sob a forma de uma ânsia (*urges*) de dominá-lo, para a qual o seu dano ou aniquilamento é indiferente. A partir destas considerações, tivemos uma primeira indicação de que o vínculo da crueldade com o sadismo seria secundário, pois o aniquilamento e a indiferença estariam, no caso do sadismo, em segundo plano.

Ao tratar de modos de funcionamento que dizem respeito aos estágios de organização da libido, foi necessário considerar o seu caráter constitutivo no desenvolvimento psíquico. Viemos, assim, nos questionar acerca da legitimidade de uma identificação imediata da lógica da indiferença à crueldade.

O caráter de violência extrema em que o outro é negado nos atos de crueldade nos levou a considerar a violência pulsional do traumático como mediador necessário à legitimidade de tal vinculação. Entendemos que a crueldade, como atualização de uma recusa radical da alteridade, reproduziria uma violência extrema no primeiro contato com o outro sob o manto da indiferença. Desta maneira, abordamos a noção de fixação ao trauma como elemento que tornaria possível compreender como uma lógica arcaica se prende à dimensão do atual sob o signo do traumático.

Após o trabalho do capítulo I, tínhamos o terreno preparado para um aprofundamento da questão da indiferença que, como marca da crueldade, serviu como norte ao nosso intento de assinalar o caráter singular da crueldade, o que nos permitiria distingui-la de outras formas de destrutividade.

No capítulo II, apoiados fortemente pela noção de “trabalho do negativo” desenvolvida por Green, buscamos esclarecer o caráter estruturante da indiferença na operação do narcisismo. Assinalamos que a indiferença ao mundo externo do “narcisismo primordial” responde à primeira tarefa para a edificação do ego, esta consistindo no estabelecimento de uma base de prazer purificado.

Neste contexto, a indiferença comporta um movimento para dentro, a incorporação do objeto bom (prazer), que purifica o ego do prazer expulsando tudo que lhe é contrário (desprazer). Esta expulsão é indispensável para que o ego, como organização, possa emergir na instauração de uma ordem fundada nas ligações das experiências de satisfação. Tais ligações formarão a reserva de libido narcísica, potência de ligação. Inversamente, tudo aquilo que não for ligado penderá para o lado da pulsão de morte sob a forma de um desligamento primordial, constituindo-se como força de desligamento.

Uma vez que esta operação é mediada pelo outro, a qualidade do primeiro encontro com o semelhante é fundamental para que a organização egoica venha a dispor de adequada reserva de libido narcísica que lhe possibilite transitar entre os objetos. Em tais condições, o trabalho do negativo cumpre o seu papel de transformar o objeto em estrutura enquadrante. Estamos diante de um percurso que começa por um domínio de si de natureza precária – baseado na atividade autoerótica – que sustentará uma operação de transitividade entre o objeto primário e a criança, a saber, o objeto deixa de ser absolutamente necessário à medida que é tomado para si e torna-se estrutura enquadrante: espaço potencial interno, matriz dos investimentos simbólicos.

Este espaço potencial é tributário da apropriação das vivências de satisfação e é por meio dessas que o investimento significativo se realiza para garantir a função objetualizante. A partir dela, o objeto é revelado; inversamente, a função desobjetualizante se realiza pelo desligamento. Sob o signo do traumático, a indiferença originária em relação ao mundo externo constituirá um psiquismo sob o predomínio do “desligado”, o que implicará sérios entraves na capacidade de investir do sujeito.

Em tal estado de coisas, a vida psíquica do sujeito é caracterizada por um deserto afetivo, todo o vínculo com o objeto deve ser abolido. O deserto afetivo destes sujeitos

surgiu como valiosa pista em nossa investigação, pois nos permitiu concluir que nos atos de crueldade subjaz um traumático que interfere nas ligações objetais mais primárias, relativas à instauração do princípio de prazer, cuja dicotomia será basilar para a estruturação da vida afetiva.

As contribuições de Roussillon (1999) acerca do “traumatismo primário” convergiram perfeitamente com o que estávamos propondo. Diz o autor que quando há esgotamento dos recursos internos para ligar o afluxo de excitações, o ego se retira da experiência traumática engendrando clivagem dos elementos traumáticos para assegurar a sobrevivência psíquica, mas ao preço de uma amputação de uma parte de si. No caso em questão, é a vida afetiva do sujeito que é amputada e a própria capacidade de investir é restringida em prol de uma necessária “neutralização energética”. Nestas condições, o deserto afetivo seria a condição de possibilidade para a sobrevivência psíquica, pois o afeto traz a marca de uma alteridade interna mortífera.

Com o aprofundamento da questão da indiferença e, especialmente, da indiferença sob o signo do traumático, já estávamos bem mais próximos do nosso objetivo de assinalar os fundamentos singulares da crueldade. Cabia então apontar a singularidade desse traumático, assentado na indiferença, que encontra na crueldade uma resposta privilegiada.

Tornou-se também mais clara a distinção entre a destrutividade que seria própria do sadismo e aquela que fundamenta os atos de crueldade. A descrição freudiana do exercício sádico como “prazer na crueldade” o distancia da indiferença extrema que caracteriza a crueldade em sua manifestação mais pura: o “assassinato sem paixão” (GREEN, 1988b), ato que consiste em aniquilar os objetos sem os tocar. Aqui não é o prazer que está em jogo, mas, sim, a necessidade de manter os objetos o mais longe possível.

Desta maneira, no capítulo III nos voltamos para a singularidade dos atos de crueldade, especialmente para a base traumática que subjaz a eles.

Iniciamos o capítulo abordando os fundamentos do sadismo com o intuito de mostrar que a lógica que os fundamenta não pode ser identificada à da indiferença extrema que, em nossa visão, caracteriza essencialmente os atos de crueldade. Nas relações guiadas por uma lógica perversa é a dominação do objeto, sob o signo da compulsão à repetição, que está em primeiro plano.

A dominação que é compulsivamente atuada na perversão seria uma resposta a um traumático ancorado na fascinação pelo objeto primário. Vale aqui lembrar que o

verbo fascinar significa, duplamente, seduzir e dominar, precisamente dominar com o olhar (DICIONÁRIO HOUAISS, 2001). Vimos que o olhar fascinado dos pais à *sua majestade o bebê* tem caráter estruturante; ele é o vetor da idealização necessária à instauração da relação especular que servirá de sustentáculo ao Ego-ideal.

Porém, tal fascínio deverá ser quebrado pelo discurso discriminante, o qual delimitará um espaço necessário para que a dimensão da alteridade venha a ser simbolizada. O sujeito deverá deixar de ser uma totalidade a serviço do desejo materno para começar a sustentar seu próprio desejo. A problemática da perversão diz respeito a um entrave na passagem do discurso totalizante ao discurso discriminante, ficando o sujeito refém da fascinação pelo objeto que o aprisiona em uma relação de tipo especular onde é tratado como objeto-coisa a serviço do desejo materno.

No caso da perversão a aniquilação, a redução do objeto a nada, pode surgir como consequência do exercício da dominação, mas não é ela que está em questão. Inversamente, no exercício da crueldade, a necessidade de reduzir o objeto a nada está em primeiro plano, pois este representa uma ameaça que suscita defesas extremas para mantê-lo o mais longe possível.

Recorremos aos casos de *serial killers* descritos por Zagury (2002) com o objetivo de pontuar a atualização da crueldade em sua forma mais pura, a saber, o agir criminoso como negação de toda alteridade e existência do objeto. Se a dominação perversa segue uma lógica totalizante guiada, em última instância, pela entrada em cena do princípio de prazer, estamos aqui em um registro mais elementar, em uma reprodução violenta da indiferença própria ao estabelecimento do ego-prazer.

A vigência do princípio de prazer é fundada neste momento, ele será o primeiro espaço interno de simbolização primária. A frieza dos atos de crueldade aponta justamente para uma alteridade interna mortífera que habita este primeiro espaço. A negação da vida afetiva da crueldade surge como recurso privilegiado a uma afirmação de si de caráter elementar.

Nesta perspectiva, a teorização de Moraes & Macedo (2011), no tocante à “vivência de indiferença” como vivência traumática singular no primeiro encontro com o semelhante, mostrou-se pertinente ao que tínhamos em mente. A indiferença do outro neste primeiro encontro configura uma violência psíquica imposta em um tempo primordial de estruturação do psiquismo.

O investimento afetivo, como mola propulsora das primeiras ligações, não tem lugar no cenário de indiferença. O outro não *afeta* psiquicamente a criança de modo a

lhe oferecer recursos para o seu trabalho de ligação das experiências de prazer, mas, muito pelo contrário, o sujeito é deixado em uma situação de desamparo e vigência de intensidades.

No cenário de indiferença há predomínio do desligado que impõe ao sujeito, como recurso-limite, a sua evacuação por meio de uma modalidade de ato particular, o qual reflete os efeitos desse traumático próprio à vivência de indiferença: o *ato-dor* seria esta modalidade de ato que se dá sob o regime da indiferença, expressão de dor psíquica que se atualiza via impossibilidade de aceitar o que representa a alteridade.

Nesse momento, dispúnhamos dos recursos teóricos necessários para apontar o caráter do traumático da indiferença e que julgamos estar direta e estreitamente associado à crueldade. A partir do “Caso Kevin” pudemos destacar um modo singular do que foi denominado “lado negativo das relações” por Winnicott (1971/1975), narcisismo negativo por Green (1988a; 1988c; 1988d; 1990) e “vivência de indiferença” por Moraes e Macedo (2011).

A expressão de indiferença extrema da crueldade de Kevin traz subjacente uma vivência traumática marcada por uma indiferença cuja relação com a crueldade se fez evidente. A indiferença de Eva para com Kevin configura violência extrema que converge com a aniquilação, sendo esta a marca do narcisismo negativo projetado em Kevin. Pudemos então concluir que as raízes da crueldade encontram seu solo em uma violência extrema singular vivida no primeiro contato com a alteridade, uma violência sob o manto da indiferença.

Referências

- ASSOUN, P, L. *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BIRMAN, J. (2009a) Crueldade e força do poder. In: Birman, J. *Cadernos sobre o mal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 127-137.
- BIRMAN, J. (2009b) A biopolítica na genealogia da psicanálise. In: Birman, J *Cadernos sobre o mal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 19-40b.
- BLEICHMAR, H. (1985) O Narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática do inconsciente. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BORGES, G. M. (2011) *Neurose traumática: fundamentos e destinos*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ/IP.
- BORGES, G. M. & CARDOSO, M. R. (2011) Clivagem mortífera e guardião de Eros. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 599-610, dez.2011.
- CAVALCANTE, M. C. B. Pausas no manhês: lugar de subjetivação. In: L. Sales (Org.). *Pra que essa boca tão grande*. Questões acerca da oralidade. Salvador: Ágalma, p. 36-44, 2005.
- CARDOSO, M. R. (2002a) Violência, domínio e transgressão. *Revista Psychê*, São Paulo, Ano. VI, n. 10, p. 161-171, 2002
- CARDOSO, M. R. (2002b) *Superego*. São Paulo: Escuta.
- CARDOSO, M. R. (2011a), Recusa ao ato na adolescência: uma “reação subjetiva negativa”? *Ágora – Revista de Psicanálise – Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica – Instituto de Psicologia – UFRJ – Rio de Janeiro*, v. XIV n. 1 jan/jun 2011, p. 21-33.
- CARDOSO, M. R. (2011b) Das neuroses atuais às neuroses traumáticas: continuidade e ruptura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 70-82, mar. 2011.
- CARVALHO, M. T. P. & VIANA, T. C. Do negativo em Freud e Green. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, v. 30 (2) 39-54, 2012.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine (1991) *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CINTRA, E. M.U. (2012) Os limites de Eros na melancolia e no luto. In: Cardoso, M. R., Fernandes, M. H., Marracini, E. M., Rabello, S. (Orgs.) *Os limites de Eros* (p. 51-72). São Paulo: Primavera Editorial, 2012.
- CUPA, D. (2007) *Tendresse et Cruauté*. Paris: Dunod.
- CUPA, D. (2012a) L’indifférence: L’au-delà’ de la haine. *Revue française de psychanalyse*, v. 76, 2012/4, p. 1021-1035.
- CUPA, D. (2012b) Sadisme et Cruauté. In: Cupa, D. *Figures de la cruauté*, p. 23-40, Paris: Edk.

DENIS, P. (2003) *Emprise et Perversion. Filigrane*, v. 12, n. 1 automne. Québec: 2003, p. 71-82.

DERRIDA, J. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão 1.0, dezembro de 2001; Copyright 2001, Instituto Antônio Houaiss; Produzido e distribuído por Editora Objetiva LTDA.

DOREY, R. (1981) *La relation d'emprise. Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 24, automne. Paris: Gallimard, p. 117-139.

FOUCAULT, M. (1975) *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 20ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, S. (2006) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

(1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Vol. VII, p.119-231.

(1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Vol. XII, p. 232-244.

(1913 [1912-13]) Totem e Tabu. Vol. XIII, p. 13-163.

(1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Vol. XIV, p. 77-113.

(1915) Os instintos e suas vicissitudes. Vol. XIV, p.117-144.

(1915 [1916]) Sobre a transitoriedade. Vol. XIV, p. 225-227.

(1917 [1916-17]) Conferência XXII: Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – Etiologia. Vol. XVI, p. 343-360.

(1920) Além do princípio do prazer. Vol. XVIII, p. 13-75.

(1923) O ego e o id. Vol. XIX, p. 15-80.

(1924) O problema econômico do masoquismo. Vol. XIX, p. 175-188.

(1925) A negativa. Vol. XIX, p. 263-269.

(1926 [1925]) Inibições, Sintomas e Ansiedade. Vol. XX, p. 81-171.

(1933 [1932]) Conferência XXXIII: A feminilidade. Vol. XXII, p. 113-134.

(1940 [1938]) Esboço de Psicanálise. Vol. XXIII, p. 151- 221.

(1950 [1887-1902]) Extratos de documentos dirigidos a Fliess.

(1895) Projeto para uma psicologia científica. Vol. I, p. 335-490.

GANTHERET, F. (1981) *De l'emprise à pulsion d'emprise. Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 24, automne. Paris: Gallimard, p.103-116.

GREEN, A. (1973) *O discurso vivo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

GREEN, A. (1986) O trabalho do negativo. In: Green, A.: *O trabalho do negativo*. Artmed: São Paulo, 2010, p. 289-294.

GREEN, A. (1988a) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

GREEN, A. (1988b) Pourquoi le Mal. Le Mal – *Nouvelle Revue de Psychanalyse* n. 38, Paris: Editions Galimard, p. 239-261.

- GREEN, A. (1988c) *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- GREEN, A. (1988d) *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta.
- GREEN, A. (1990) *Conferências Brasileiras de Andre Green*. Rio de Janeiro: Imago.
- GREEN, A. (2007) *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Paris: Éditions du Panama.
- GREEN, A. (1993) Para introduzir o negativo em psicanálise. In: Green, A. *O trabalho do negativo*. Artmed: São Paulo, 2010, p.15-28
- GREEN, A. (1988) Seminário sobre o trabalho do negativo In: Green, A. *O trabalho do negativo*. São Paulo: Artmed, 2010, p. 301-305.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. (1982) *Vocabulário da psicanálise*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MCDOUGALL, Joyce (1989) Em defesa de uma certa anormalidade: Teoria e clínica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MCDOUGALL, Joyce (1997) *As Múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MIJOLLA-MELLOR, S (2005). Preâmbulo. In: Mijolla-Mellor, S. *Crueldade do feminino*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, p. 13-20.
- MONTAIGNE, M. (1595) Da crueldade. In: Montaigne, M. *Ensaio*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção *Os pensadores*, vol. 1. p. 358-370).
- MORAES, E. G. & MACEDO, M. M. K. *Vivência de indiferença – do trauma ao ator*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- NIETZSCHE, F. (1887) *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PORTE, M. (2002) *De la Cruauté Collective et individuelle*. Paris: L'Harmattan.
- PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN* – Filme de: Lynne Ramsay. Produtor: Jennifer Fox; Luc Roeg; Bob Salerno. Elenco principal: Tilda Swinton; John C. Reilly; Ezra Miller. Local: USA/ Londres, UK. BBC Filmes, 2011. 112 min.
- ROCHA, Z. *Freud: novas aproximações*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.
- ROUSSILLON, R. *Agonie, clivage et symbolization*. Paris: PUF, 1999.
- SHRIVER, L. *Precisamos falar sobre o Kevin*. Projeto de democratização da leitura, 2010. Disponível em: <HTTPS://baixeolivrobrasil.wordpress.com/> Acessado em: 19/02/2014.
- STOLLER, R. J. (1986) *Perversion: the erotic form of hatred*. New York: Karnac.
- WINNICOTT, D. W. (1945) Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: Winnicott, D. W. *Textos Selecionados - da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- WINNICOTT, D. W. (1950) Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: Winnicott, D. W. *Textos Selecionados - da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- WINNICOTT, D. W. (1971). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZAGURY, D. Les serial killers sont-ils tueurs sadiques? *Revue française de psychanalyse*, v. 66, 2002/4 p. 1195-1213.